

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE – UNI-BH  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – DCC  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

**Jamerson de Sousa Costa**

## **A América Latina em pedaços**

**Uma análise da editoria de Internacional  
da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo***

Belo Horizonte – Minas Gerais  
Dezembro de 2005

**Jamerson de Sousa Costa**

## **A América Latina em pedaços**

**Uma análise da editoria de Internacional  
da *Folha de S. Paulo* e de *O Estado de S. Paulo***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Departamento de Ciências da Comunicação (DCC) do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNI-BH, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Comunicação Social – Jornalismo, sob a orientação do professor Fabrício Marques.

Belo Horizonte – Minas Gerais  
Dezembro de 2005

Aos meus pais e professores,  
eternos amigos.

*Quase cinco séculos depois da chegada dos europeus ao continente,  
os povos dos países latino-americanos pouco intercambiam em  
matéria de informação, de cultura, obviamente mais valiosa que a  
dívida externa que se tem em dólares.*

*Guillermo Piernes, Comunicação e desintegração na América Latina.*

*Brasília: Unb, 1990.*

## Sumário

<b>Introdução.....</b>	<b>6</b>
<b>1 A mídia em escala global.....</b>	<b>10</b>
1.1 O surgimento das agências internacionais de notícias.....	12
1.2 Assimetria na produção e difusão de informações.....	15
1.3 Os meios de comunicação influenciam as relações sociais em todo o mundo.....	16
<b>2 O Jornalismo Internacional e os acontecimentos mundiais.....</b>	<b>21</b>
2.1 Os assuntos da América Latina nos jornais.....	30
<b>3 A produção da notícia.....</b>	<b>33</b>
3.1 Angulação: fontes, edição, diagramação e a influência dos níveis sociais.....	39
3.2 O editor de Internacional.....	45
<b>4 Estudo de caso.....</b>	<b>47</b>
4.1 <i>Folha de S. Paulo</i> .....	52
4.2 <i>O Estado de S. Paulo</i> .....	56
<b>Conclusão.....</b>	<b>59</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

Os noticiários são uma das principais referências pessoais para se entender o que acontece, diariamente, no mundo. Como consequência da condição financeira e da limitação humana, entre outros motivos, grande parte das pessoas não é capaz de viajar cotidianamente pelo planeta para vivenciar os acontecimentos de várias regiões do globo. A experimentação tem influência na percepção de cada sujeito, uma vez que, se fosse possível observar de perto os vários fatos cotidianos, o indivíduo seria auxiliado em seu entendimento pelas experiências vividas.

Apesar de somente a vivência do fato não ser a garantia do completo conhecimento sobre o que acontece, esse fator é parte considerável na percepção do sujeito sobre o cotidiano. Isso quer dizer que, mesmo que o indivíduo não consiga apreender todos os fatos que acontecem em sua cidade, é mais fácil para ele do que para outra pessoa ter noção da rotina desse ambiente em que vive. De qualquer forma, para o grande contingente de pessoas, a principal referência de mundo vem da leitura dos periódicos e da audiência dos telejornais. As manchetes e matérias dos noticiários, impressos e eletrônicos, é que dão a idéia do que se passa na história dos povos, em nível mundial.

Mas a importância dos meios de comunicação vai além desse aspecto. Eles são fundamentais na organização e manutenção das sociedades contemporâneas. A mídia se desenvolveu e expandiu suas atividades e, hoje, veicula informações de maneira rápida e atinge todo o mundo com suas notícias, instantaneamente. Elas influenciam as ações que serão tomadas pelos agentes sociais, que são estimulados por acontecimentos de lugares próximos e distantes.

Mas a difusão de bens simbólicos pela mídia se concentra em algumas empresas, geralmente originadas e localizadas nos países mais ricos e influentes, politicamente e

economicamente. Alguns teóricos da comunicação acreditam que as agências e redes responsáveis pela distribuição de notícias constroem realidades em total consonância com os interesses de seus países. A maioria das informações veiculadas sobre assuntos internacionais é captada, formatada e difundida pelas agências e redes noticiosas especializadas. As mais tradicionais e estruturadas ganham o domínio e a preferência dos editores, ao prepararem suas publicações.

Um dos estudiosos defensores dessa visão é John B. Thompson. Ele avalia que existe uma supremacia cultural dos países mais desenvolvidos industrialmente sobre as nações consideradas em desenvolvimento. Outro pesquisador, Néstor García Canclini, tem opinião parecida. O ensaísta observa que os valores culturais dos povos viraram mercadoria e é assim que são vendidos a outras regiões do planeta.

Estudados nesta monografia, ambos teóricos acreditam que a transformação dos valores culturais em bens de consumo foi dinamizada e incorporada pela globalização – o processo mundial no qual há uma aparente união dos mercados nacionais e a difusão de idéias e informações em nível global. Eles também sugerem que existe uma exportação de bens simbólicos de forma mais intensa pelos países capitalistas sobre os menos desenvolvidos quanto ao processo econômico vigente, que é o capitalismo.

Dentro dessa discussão, outro ponto que merece destaque é que os brasileiros se relacionam culturalmente pouco com os povos dos países vizinhos. Há um episódio vivido pelo jornalista Hermano Henning que ilustra bem essa circunstância. Ele conta, sobre uma passagem de sua vida, quando era correspondente internacional da Rede Globo em Londres, na Inglaterra, e passava o dia de Natal na casa de amigos e distante da família. Os colegas, e dois deles eram latino-americanos, começaram a falar “daquela América de língua espanhola que só agora começava a chamar minha atenção”, e ele percebe “como a gente vivia distante dessa América no Brasil!” (HENNING, 1996, p. 107).

É por isso que, por exemplo, a ausência de notícias sobre a América Latina nas páginas de dois importantes diários brasileiros poderia representar a falta de interesse ou preocupação dos leitores e jornalistas, ou mesmo das autoridades, com relação aos países vizinhos. Os estudos aqui empreendidos procuram analisar o espaço e o enfoque oferecidos por dois grandes jornais brasileiros, em suas editorias de Internacional e nas capas, durante uma semana, para os assuntos relacionados à América Latina. As publicações pesquisadas são *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*.

Para dar conta deste estudo, divide-se o trabalho em quatro capítulos. No primeiro deles, é apresentada a importância dos meios de comunicação de massa para o desenvolvimento das sociedades e para as tomadas de decisão individuais. A evolução da mídia na sociedade moderna e o surgimento das agências internacionais de notícias também são temas dessa parte. As especificidades do jornalismo internacional e o relacionamento dos profissionais com os assuntos da América Latina são vistos no segundo capítulo.

Na seqüência, mais próximo do estudo comparativo desenvolvido neste trabalho, o capítulo 3 discute as características da notícia e a rotina produtiva das redações. Essa parte da pesquisa tem a função de oferecer subsídios sobre levantar as características que definem um assunto como notícia e que o levam a figurar nas páginas dos jornais. Através deste conhecimento será feita a análise apresentada na última parte da pesquisa, que é o capítulo 4.

Uma das conclusões a que se chega é referente à cobertura da América Latina pelos jornais brasileiros. As notícias sobre o continente estão dispostas em menor espaço, se compararmos às reportagens relacionadas aos países considerados como os mais poderosos. Alguns autores estudados, como Johan Galtung e Mari Holmboe Ruge, explicam que os assuntos são mais interessantes quando acontecem com atores sociais influentes. Ora, se uma nação é um agente coletivo da sociedade, as mais ricas merecem mais destaque que as mais

pobres. Isso porque elas interferem de maneira mais ativa nas relações econômicas e políticas entre as diversas regiões do planeta.

Mas, tomando por base outra regra que justifica a escolha de um assunto para se tornar notícia, o fato é mais relevante quanto mais próximo o acontecimento. O teórico Adriano Duarte Rodrigues é um dos que defendem que os fatos locais merecem mais destaque nas páginas dos jornais. Assim, aplica-se a regra de que um buraco na rua perto do local onde o jornal é distribuído é mais importante do que o mesmo problema acontecendo em outra cidade. Da mesma forma, em níveis internacionais, a alteração da política econômica da Venezuela, país da América Latina e vizinho dos brasileiros, deveria ser mais importante para o Brasil do que as novas leis de produção da Ásia ou do Oriente Médio. Essa é a principal discussão levantada neste trabalho. Se ela não foi completamente respondida durante esta pesquisa, serve então de subsídio para futuros debates e novas pesquisas sobre o tema.

## 1 A MÍDIA EM ESCALA GLOBAL

Os meios de comunicação de massa antecedem à globalização. Eles são “globais” desde seu surgimento. Da invenção da prensa de Gutenberg, em 1440, que marcou a origem dos veículos de mídia, aos computadores e satélites dos últimos anos, o conhecimento passou a ser reproduzido para muitas pessoas e lugares distantes. O avanço da tecnologia fez os meios se tornarem mais ágeis e abrangentes. O desenvolvimento influenciou a própria formação da sociedade moderna e criou outras formas de relacionamento social, diferentes maneiras de agir e interagir, e novos jeitos de se expressar.

Além disso, os aparelhos de comunicação têm impacto direto na vida social e política das pessoas. A evolução das técnicas de transmissão de bens simbólicos mudou a forma de experimentar ações e acontecimentos originados em contextos diferentes do qual se está inserido, sem o compartilhamento do mesmo tempo e espaço. A possibilidade de experimentar acontecimentos distantes pode criar ou estimular a ação dos sujeitos, de forma individual ou mesmo coletiva e organizada. Tome-se como exemplo os recentes acontecimentos de 2005, como o Tsunami<sup>1</sup> que atingiu a Ásia e o furacão que passou pelo sul dos Estados Unidos. Eles provocaram respostas de solidariedade em todas as partes do planeta. Os próprios acontecimentos locais estão sujeitos a um “exame global”. As pessoas podem partilhar experiências culturais sem se restringirem a um lugar comum.

Por tudo isso, os meios de comunicação interferem na formação cultural da sociedade contemporânea<sup>2</sup>. Os valores que formam o conjunto de símbolos das sociedades são, atualmente, repassados e apreendidos em escala global. Aliás, o desenvolvimento dos meios

---

<sup>1</sup> Nome dado pelos japoneses às ondas gigantes causadas pela interação das placas tectônicas da crosta terrestre, em constante movimento no subsolo do planeta.

<sup>2</sup> Cultura, no entendimento do sociólogo John B. Thompson (2000), é o aspecto simbólico da vida coletiva que padroniza os significados compartilhados nas interações sociais.

de comunicação está relacionado à valorização econômica dos diversos elementos que formam as culturas regionais, transformados em produtos e vendidos como mercadoria.

A comunicação de massa se diferencia da convencional por provocar um corte na interação, o que faz o fluxo de informação ser assimétrico, beneficiando um lado e permitindo menos possibilidades de resposta do receptor. É o que Thompson (2001)<sup>3</sup> chama de “quase-interação mediada”, feita de forma homogênea, uma vez que a informação flui apenas em um sentido. Apesar de a mensagem da mídia ser transmitida em sentido único, o processo continua a ser um tipo de interação, pois existe a situação social da comunicação entre indivíduos e a troca simbólica. Cada mensagem transmitida pelos meios de comunicação de massa faz com que a construção simbólica da sociedade seja alterada.

A *mediação* da sociedade, como caracteriza Thompson, reconstruiu a esfera política, principalmente com relação à visibilidade dos temas levados ao público. Existe uma esfera pública da mídia na qual diversas necessidades podem ser manifestadas e discutidas. Mas o controle sobre ela não é igualmente distribuído entre a população.

Alguns casos, como a cobertura jornalística sobre a morte da princesa Diana ou o escândalo envolvendo o ex-presidente dos Estados Unidos e uma ex-estagiária da Casa Branca, são usados pelo pesquisador da comunicação Ignácio Ramonet (1999) para ilustrar como as informações são discutidas e ganham uma escala global a partir da constituição de uma mídia em nível mundial.

Existe hoje a formação de conglomerados da indústria da mídia, que está aliada a um acesso à transmissão de informações pouco democrático. O processo de acumulação dos meios para produzir e difundir a cultura é concebido através de fusões de empresas, com a compra de uma pela outra ou através dos acordos de união entre as organizações. Geralmente,

---

<sup>3</sup> Em *A mídia e a modernidade*, obra que aprofunda os estudos acerca da relação entre a comunicação e a sociedade, iniciados no livro anterior, *Ideologia e cultura moderna*.

elas também juntam diferentes serviços, dentro do setor de comunicações, e passam a monopolizar várias fatias de mercado.

Uma das fusões mais conhecidas é a *Time-AOL-Warner*, que combina uma empresa jornalística (responsável pela revista norte-americana *Time*), uma provedora de Internet (*América Online*) e os estúdios de animação, produção cinematográfica e de seriados para a televisão *Warner Bros*. Esse processo, a tentativa de dominar o mercado da difusão de bens simbólicos, é visto por Ignácio Ramonet como um “furacão de ambições” (RAMONET, 1999, p. 8). A pesquisadora mineira Ana Maria Rodrigues de Oliveira (1998) ressalta que a formação de grandes conjuntos de mídia é um fator importante que rege o nosso jornalismo globalizado.

A reestruturação no sistema mundial da informação e comunicação evidenciou-se, também, com a fusão de grandes grupos privados, que passaram a controlar jornais, editoras, redes de televisão, estações de rádio, produtoras de discos e vídeos, empresas cinematográficas, voltados a milhões de pessoas em todo o mundo (OLIVEIRA, 1998, p. 16).

Com isso, o fluxo de informações é assimétrico, ou seja, a divisão de poder não acontece de forma equilibrada. Um pequeno grupo de organizações tem o controle da difusão de informações, “levando algumas regiões do mundo à extrema dependência de outras para o suprimento de bens simbólicos” (THOMPSON, 2001, p. 146).

### **1.1 O surgimento das agências internacionais de notícias**

A difusão de informações passou a ganhar um contexto global e instantâneo no final do século XIX e, entre os principais fatores responsáveis por isso, estão o desenvolvimento dos sistemas de cabos submarinos pelas potências européias, o estabelecimento das agências

internacionais de notícias, e o surgimento, há mais de um século, do sistema de telégrafos que ligavam Europa, América, África e Oriente Médio.

Um desses aspectos precisa ser aprofundado por causa da atualidade com que o tema aparece nas discussões sobre jornalismo internacional. As agências de notícias foram criadas com o objetivo de realizar um serviço de coleta e disseminação de notícias e outras informações sobre diversos territórios do planeta. Depois de um período inicial de intensa rivalidade competitiva, em meados da década de 1830, as maiores agências concordaram em dividir o mundo em faixas de operação exclusiva, quase 35 anos depois.

As empresas forneciam histórias, extratos (são resumos e trechos de reportagens) e informações aos jornais, que poderiam ser difundidos destes para uma grande audiência. Assim, através da imprensa e, posteriormente, do rádio e da televisão, as agências “poderiam alcançar uma parcela significativa e crescente da população” (THOMPSON, 2001, p. 139).

A primeira agência de notícias foi criada em 1835, na cidade de Paris, França, por Charles Havas. O empresário comprou um escritório de tradução e o transformou em um estabelecimento que coletava e traduzia extratos de vários jornais europeus e os entregava diariamente à imprensa francesa. Na década de 1840, ela começou a fornecer material para publicações londrinas, na Inglaterra, e de Bruxelas, na Bélgica. Na mesma época, serviços rivais de coleta de notícia foram instalados em Londres por Paul Julius Reuter, e em Berlim, Alemanha, por Bernard Wolff. Com a competição mais intensa na década de 1850, as agências resolveram entrar em acordo e dividir o mundo em territórios exclusivos de atuação.

O Tratado de Agências Aliadas, de 1869, deixou para Reuter o império britânico e o Extremo Oriente. Havas ficou com o império francês, Itália, Espanha e Portugal. E finalmente Wolff ganhou exclusividade na Alemanha, Áustria, Escandinávia e nos territórios russos. O cartel dominou o sistema internacional de coleta e disseminação de notícias até a Primeira Guerra Mundial, quando houve a expansão de duas agências norte-americanas, a Associated

Press (AP) e a United Press Association (UPA), mais tarde transformada em United Press International (UPI).

A primeira foi criada a partir de uma cooperativa surgida em 1848, formada por seis jornais diários de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Ela se uniu ao cartel das três maiores em 1893. O acordo previa o fornecimento das notícias da América do Norte às agências européias, em troca da exclusividade para distribuição, nos EUA, das informações produzidas na Europa. Já a UPA foi fundada em 1907 por E.W. Scripps, com o objetivo principal de quebrar o monopólio da AP no mercado de notícias domésticas norte-americano. A empresa ainda montou escritórios na América do Sul e ampliou suas ações também para o Japão.

Com a expansão das duas agências e as duas Guerras Mundiais, o cartel europeu perdeu força e, em 1934, a Reuters assinou um acordo com a Associated Press para que as agências norte-americanas pudessem coletar e distribuir material em todo o mundo. A Havas foi dissolvida e deu origem à Agence France-Presse (AFP), e a Wolff desapareceu com as derrotas alemãs e a divisão do país no final da Segunda Guerra Mundial.

Desde a Segunda Guerra Mundial, as quatro maiores agências – Reuters, AP, UPI e AFP – mantiveram suas posições de liderança no sistema internacional de coleta e disseminação de notícias e outras informações. Muitas outras agências se estabeleceram e expandiram suas esferas de operação; e algumas agências, como a TASS e a Deutsche Presse Agentur, conquistaram (pelo menos temporariamente) um proeminente papel internacional. Mas as quatro maiores continuam sendo os atores principais na organização global de informação. Muitas organizações jornalísticas e radiotelevisivas pelo mundo afora dependem grandemente delas para notícias internacionais, bem como para notícias de suas próprias regiões geopolíticas, e muitas das menores agências são afiliadas a elas (THOMPSON, 2001, p. 140 e 141).

Thompson ressalta que as maiores agências diversificaram suas atividades e emergiram como os “atores centrais” no mercado de informações e dados de vários tipos e diferentes assuntos. Isso favoreceu o processo de desigualdade que “beneficia mais uns que outros, e que incluiu mais rapidamente algumas partes do mundo nas redes de comunicação global do que outras” (THOMPSON, 2001, p. 143).

## 1.2 Assimetria na produção e difusão de informações

A desigualdade nos processos de comunicação globalizada veio da emergência de conglomerados transnacionais e do fluxo assimétrico dos produtos de informação e comunicação dentro do sistema global, entre outros aspectos. A teoria do imperialismo cultural é calcada na idéia de que a globalização da comunicação é fruto de uma conquista de interesses comerciais das grandes corporações transnacionais sediadas, principalmente, nos Estados Unidos.

O processo de imperialismo cultural produziu uma nova forma de dependência, na qual culturas tradicionais são destruídas através da invasão de valores ocidentais. A tese do imperialismo cultural foi desenvolvida por Herbert Schiller, em *Mass communication and American Empire*, de 1969 (*apud* THOMPSON). Schiller considera crescente o domínio dos Estados Unidos em detrimento das tradicionais potências européias (Inglaterra, França, Espanha e Portugal), do final da Segunda Guerra Mundial em diante.

As grandes agências internacionais de notícia estão sediadas em Londres, Paris e Nova Iorque. Isso contribui para a assimetria de fluxo dos bens simbólicos. Outro fator é o poder econômico de Hollywood, fazendo programas e filmes de entretenimento de produção norte-americana para serem consumidos em todo o mundo. Isso acontece principalmente com países menos desenvolvidos, nos quais as emissoras de televisão cujos recursos para o desenvolvimento de programas próprios são mais escassos compram seriados norte-americanos a preços módicos e, com isso, preenchem seus horários vagos na programação.

Entretanto, o processo de globalização não pode ser compreendido apenas como uma forma de homogeneização das diversas culturas locais e regionais. Muitas diferenças nacionais permanecem e, neste caso, é o mercado que reorganiza sua produção para obter mais lucros. Esse ponto é lembrado por Néstor García Canclini (1999), que explica a

diferença entre a internacionalização e a globalização. A primeira é um processo de abertura das fronteiras geográficas de cada sociedade para incorporar bens materiais e simbólicos das outras culturas. Já a globalização supõe uma interação “funcional” de atividades econômicas e culturais dispersas, bens e serviços gerados por um sistema com muitos centros, no qual é mais importante a velocidade para percorrer o mundo do que as posições geográficas a partir das quais se está agindo.

O que diferencia a internacionalização da globalização é que no tempo da internacionalização de culturas nacionais era possível não estar satisfeito com o que se possuía e procurá-lo em outro lugar. Mas a maioria das mensagens e dos bens que consumíamos era gerada na própria sociedade, e havia alfândegas estritas, leis que protegiam o que se produzia em cada país. Agora o que se produz no mundo todo está aqui e é difícil saber o que é o próprio (CANCLINI, 1999, p. 41).

### **1.3 Os meios de comunicação influenciam as relações sociais em todo o mundo**

O mundo é composto por atores individuais e nacionais. Como a ação se baseia na imagem que o ator faz da realidade, a ação internacional será baseada na imagem da realidade global. A idéia do mundo que a mídia apresenta é de importância primordial, já que tem grande papel na construção de imagens internacionais. Junto a ela, está a ação das impressões e contatos pessoais, as relações profissionais no estrangeiro, os despachos diplomáticos etc.

Mas, por se tratar de meios de comunicação que atingem as massas, ou seja, enviam mensagens a um grande número de pessoas, os veículos e produtos midiáticos são de importância fundamental para a construção da realidade de mundo apresentada aos atores individuais e nacionais, de onde se basearão para tomar suas atitudes (entende-se por “veículos e produtos midiáticos” a imprensa, o rádio e a televisão, os filmes, vídeos e audiovisuais de maneira geral, a Internet etc.).

Ao nível interpessoal é relativamente bem explorada a relação entre os acontecimentos, a percepção de todos os fatores seletivos e distorcivos sob

circunstâncias diferentes aí operantes e a imagem final. Ao nível da percepção coletiva, onde a percepção tem lugar em nome de outros, para ser retransmitida a estes outros mais tarde, a situação é muito mais complicada (GALTUNG e RUGE *apud* TRAQUINA, 1993, p. 62).

É preciso haver uma proximidade cultural que levará o receptor a dispensar uma atenção particular ao que lhe é familiar, é semelhante culturalmente, enquanto o distante culturalmente não será notado. Também é preciso criar uma imagem mental no receptor durante a descrição de uma história, no caso do impresso, ou de um acontecimento, no caso do rádio, para que o leitor ou o ouvinte assimile o que se quer contar. Os elementos significativos devem ter a ver com o que ele quer encontrar. Ou seja, com sua repertório de símbolos que mantenha relação com as expectativas ou que sejam semelhantes. As pessoas dão mais atenção àquilo que podem prever com o qual está familiarizado. Mas, além de próximos culturalmente e identificáveis, os acontecimentos inesperados são mais fáceis de se transformarem em notícias.

A influência da mídia de entretenimento, que traz programas cujos principais objetivos são divertir os espectadores e vender os culturais, como filmes e músicas, é uma das principais razões para a passagem do cidadão como representante de uma opinião pública ao cidadão interessado em desfrutar de uma certa qualidade de vida, principalmente através do consumo de bens materiais e da vivência de experiências que também são pagas com dinheiro, na sociedade neoliberal contemporânea.

O rádio e o cinema, meios de comunicação de massa, contribuíram para a organização dos relatos da identidade e do sentido de cidadania, nas sociedades nacionais da primeira metade do século XX. Estes meios agregam “a crônica das peripécias cotidianas” às “epopéias dos heróis e dos grandes acontecimentos coletivos” (CANCLINI, 1999, p. 163).

A transnacionalização econômica e o desenvolvimento das tecnologias da comunicação fizeram com que culturas nacionais e regionais fossem conhecidas em diferentes

partes do mundo – como um filme de cinema, que precisa entrar nas salas de outros países, além de vender cópias para o mercado internacional de fitas de vídeo e materiais em DVD, e para a televisão convencional e a cabo, a fim de garantir o retorno financeiro.

É por isso que a globalização é um fenômeno marcante da segunda metade do século XX. Ela intensificou a unificação “virtual” dos mercados e fortaleceu a mobilidade do capital e do trabalho. Também revolucionou conceitos, principalmente os contidos em ciências políticas e econômicas. Mas trouxe mudanças, da mesma forma relevantes, ao campo da comunicação. Surge, então, o que Ana Maria Rodrigues de Oliveira (1998) denomina de “imprensa global”: os grandes jornais e revistas estrangeiros, e as redes mundiais de rádio e de televisão.

As condições básicas para a globalização de publicações impressas, do rádio e da televisão foram dadas pela utilização de modernas tecnologias de transmissão via satélite, fibra ótica, TV por assinatura, redes de computadores e Internet, que contribuem para a rápida disseminação das informações (OLIVEIRA, 1998, p. 16).

Segundo ela, esse processo “é um mito e uma realidade, que rompe fronteiras” (OLIVEIRA, 1998, p. 15). Assim surgem os dilemas da atualidade, como a oposição entre local e global, integração e fragmentação, equidade e desigualdade. É o paradoxo entre o conforto e benefício da globalização e os seus efeitos perversos, como a concentração de capital, e vem servindo a um número limitado de pessoas, empresas e instituições.

No entanto, Ana Maria de Oliveira não cita que as agências de notícias já veiculavam suas informações em veículos diversos desde o século XIX, ainda quando o recurso de transmissão de dados pelo telex era o mais moderna. Assim, é certo que a comunicação contribui para as mudanças políticas, econômicas e sociais. Ela não exerce um papel decisório nas relações mundiais, mas tem a função de transmitir os fatos de maneira quase instantânea e o poder de influenciar a opinião pública. Existe uma clara vinculação, segundo a

pesquisadora, entre o controle da informação e o desenvolvimento das relações econômicas e políticas internacionais.

“No Brasil, há inquietações sobre o controle da informação internacional, pois alguns fatos que aqui acontecem são veiculados no exterior sob uma ótica negativa” (OLIVEIRA, 1998, p. 21). Mas, de qualquer forma, o uso e o abuso dos meios de comunicação de massa podem refletir pelo menos nos problemas internos dos países, como a estabilidade política, a prosperidade econômica e a identidade cultural. A influência da comunicação provocou, no século XIX, o debate e a inclusão desta área na agenda da elaboração de estratégias e negociações multilaterais, ou seja, entre os países.

No entanto, uma das principais modificações nesse tipo de noticiário, nos últimos anos, foi a crescente reprodução, pela imprensa nacional, de artigos e páginas inteiras de jornais estrangeiros – estes se somam ao próprio material das agências e às reportagens dos enviados e correspondentes internacionais.

O papel das agências é historicamente relevante. Desde a sua criação, em meados do século XIX, elas têm contribuído para disseminar informações entre os continentes e legitimado os interesses de seus países de origem. À época da colonização, as agências serviam como um importante instrumento para que as potências mantivessem o domínio político e econômico sobre os países colonizados (OLIVEIRA, 1998, p. 46).

Segundo Ana Maria de Oliveira, durante a crise do Haiti, as agências privilegiaram o posicionamento norte-americano<sup>4</sup>. Por isso é preciso ficar atento às possíveis distorções que as agências de notícia causam ao repassar informações sob a ótica exclusiva dos países onde têm sede, e ainda omitir ou subdimensionar dados que são do interesse dos demais países. Essa distorção não significa, necessariamente, uma falsa apresentação dos fatos; mas uma

---

<sup>4</sup> Mais sobre a cobertura desse mesmo evento vai ser apresentado no Capítulo 2 deste trabalho, durante os estudos sobre as características do Jornalismo Internacional, a partir dos depoimentos do repórter José Arbex Jr. (2002).

seleção arbitrária e uma avaliação intencional da realidade, em favorecimento do “sistema dominante”.

Além disso, há um “silenciamento” das situações que não interessam aos países nos quais as agências de notícias internacionais estão sediadas. A autora lembra que o *Manual de redação da Folha de S. Paulo* recomenda que, para evitar a restrição ou supervalorização de certas fontes, a editoria de Internacional diversifique as fontes e posicione-se criticamente em relação à política das potências, às violações da liberdade de conduta dos povos e aos regimes de força. Mais uma alternativa às agências noticiosas é a contratação de *free lancers*, remunerados em função das matérias produzidas.

Wolf<sup>5</sup> adverte que a utilização das agências em todo o mundo provoca uma forte homogeneidade e uniformidade do que é considerado notícia. São notícia os acontecimentos que as agências noticiam; há semelhanças, por exemplo, entre os critérios de jornalistas norte-americanos e indianos, a despeito de suas diferentes realidades e cultura (OLIVEIRA, 1998, p. 49).

Quando vão para as páginas dos jornais, os assuntos estão propensos a ganharem o mundo através da mídia. A escolha dos temas mundiais que vão figurar nos noticiários é feita pelos profissionais da editoria de internacional. E são eles também que usam a torto e a direito as informações colhidas nas agências e muitas vezes privilegiam as versões e fontes oficiais das nações desenvolvidas, ausentando o relato dos países menos influentes. Ou mesmo esquecendo que eles existem.

Logo que alguma coisa atinja os cabeçalhos e seja definida como “notícia”, então continuará a ser definida como notícia durante algum tempo, mesmo que a amplitude seja drasticamente reduzida, o canal foi aberto e fica parcialmente aberto para justificar, em primeiro lugar, o facto de estar aberto, em parte por causa da inércia no sistema e, em parte porque o que foi inesperado tornou-se agora familiar (GALTUNG e RUGE *apud* TRAQUINA, 1993, p. 66).

## 2 O JORNALISMO INTERNACIONAL E OS ACONTECIMENTOS MUNDIAIS

O jornalista que trabalha na editoria de Internacional, como enviado especial, cumpre a função de repórter de uma forma mais intensa do que outros colegas de profissão que ficam na redação. Ele costuma viajar para outros países e acompanhar os acontecimentos mundiais mais significativos jornalisticamente. Como diz o ex-correspondente da Rede Globo e hoje apresentador Pedro Bial (1996), é ele quem “está no olho do furacão” no caso de uma guerra, por exemplo. Outro jornalista, com mais de 30 anos dedicados a essa editoria, o enviado especial da *Folha de S. Paulo* Clóvis Rossi (1999), diz que trabalhar com jornalismo é ser uma “testemunha ocular da história”.

Ainda para outro repórter, José Arbex Jr. (2002), o jornalista não apenas testemunha, mas participa dos fatos. Ele conta que é diferente ler sobre um conflito em outro país e manter contato com os personagens da guerra. É assim para o repórter e para o entrevistado. Ele dá o exemplo de um humilde menino que, em meio à pobreza, percebe sua vida modificada pela presença de um “periodista brasileiro” em seu povoado. O repórter é tocado pelos acontecimentos locais e dessas percepções e informações é que escreve o texto que enviará para a redação. Ao mesmo tempo, o menino citado por Arbex Jr., assim como as pessoas da comunidade em que o fato acontece, têm sua rotina também modificada no momento em que ela se torna notícia. Além de tudo, os habitantes desses lugares se vêem na televisão, ouvem suas histórias no rádio ou as lêem nas páginas dos jornais.

Inclusive, sobre influenciar a história da qual o relato é feito, a vida de outros jornalistas torna essa afirmativa ainda mais contundente. Principalmente os que chegaram a ser proprietários de periódicos informativos, como Samuel Wainer e Assis Chateaubriand. O primeiro, que foi enviado especial durante algum tempo, ficando principalmente na França, se

---

<sup>5</sup> O teórico da comunicação Mário Wolf, em sua obra *Teorias da comunicação* (1987).

tornou amigo pessoal do ex-presidente brasileiro Getúlio Vargas, quando este tentava voltar ao governo nacional brasileiro (WAINER, 2001). O segundo ficou conhecido por acumular poder, influenciando autoridades e tomadas de decisões oficiais e não-oficiais (MORAES, 1994)<sup>6</sup>.

De qualquer forma, o trabalho do profissional interfere nos acontecimentos e na vida dos personagens envolvidos nos fatos, que são as fontes de informação contatadas durante a realização da reportagem. O contato do repórter estrangeiro, vindo de fora do país em que o fato ocorre, e a população local causa um impacto maior do que a relação dela com os jornalistas locais. Há um intercâmbio de culturas que mobiliza de forma mais intensa as pessoas e o “cronista do cotidiano”, como nomeia o italiano Furio Colombo (1998). Segundo a pesquisadora em Comunicação Cremilda Medina (1988), o repórter é um agente intermediário. Como tal, ele interfere na realidade e extrai dela as informações com as quais construirá a representação que levará para as salas de redação de onde escreverá a matéria.

O correspondente procura saber mais sobre a região sobre a qual escreve e na qual ainda tem pouco conhecimento, enquanto o morador sente a estranha presença do estrangeiro que, acima de tudo, levará suas histórias a outros países, às vezes muito distantes do seu. O encontro acontece entre as duas partes da relação social criada entre entrevistador e entrevistado. Um diálogo que ainda conta com a presença de um terceiro agente, cuja participação vem desde a concepção da pauta, passa pelo desenvolvimento do texto e chega à compra dos exemplares dos jornais e revistas ou aos níveis de audiência das emissoras de rádio e televisão. O público representa a terceira parte de um relacionamento cotidiano que acontece durante o trabalho jornalístico. Esse encontro às vezes não é fácil e fica exposto às mudanças de humores, principalmente em relação ao mediador ou à fonte consultada.

---

<sup>6</sup> Esses são casos extremos de busca de poder através da atividade profissional. De forma geral não é o parâmetro que representa os jornalistas tratados aqui ou na maioria das publicações da área, mas apenas as obras diretamente relacionadas ao assunto. Eles são lembrados apenas para apresentar situações sobre o envolvimento constante entre o repórter e a história, o que em certo grau chega a distorcer o exercício do trabalho jornalístico.

Além dessas dificuldades, os repórteres de Internacional enfrentam outros problemas. Um dos principais é a adaptação e o convívio com outras culturas diferentes da sua. Às vezes, a falta de experiência sobre o modo de vida dos habitantes do local faz o jornalista passar por situações complicadas. Ou, pelo menos, com as quais não entraria em contato em seu país. Um deles, José Arbex Jr.<sup>7</sup>, teve que conviver com as ameaças de um líder autoritário de um Estado nacional que apreciava o fim de uma Ditadura Militar. O então repórter da *Folha de S. Paulo*, isso em 1986, havia passado por situações que havia enfrentado situações parecidas, no Brasil, pouco tempo antes de viajar para o país vizinho.

Ele conta que fez três coberturas jornalísticas na América Latina, no mesmo ano de 1986. A primeira foi por conta própria, durante as férias e contra a vontade do jornal. Arbex Jr. foi à Nicarágua, que vivia o confronto entre o governo de esquerda sandinista, instaurado por revoluções de caráter popular, e o movimento dos “contras”, que queria as liberdades retomadas e a democratização do país<sup>8</sup>. Em seguida, foi para o Haiti, que vivia uma ausência de modelos de poder e de regulação estatal, após a fuga do ditador Jean-Claude Duvalier, pertencente à família que controlou o país por mais de 30 anos. Em seguida, foi ao Paraguai, onde o líder autoritário do país assistia à ruína do sistema que manteve durante algum tempo.

No Paraguai, ele escreveu uma matéria contando suas impressões sobre a política do país e, por causa disto, recebeu ameaças do ditador Alfredo Stroessner e de suas lideranças. O jornal deu então ao repórter a certeza de que seus textos seriam publicados e, inclusive, que eles seriam reafirmados nos editoriais. O repórter conta que, para isso, a *Folha de S. Paulo* fez uma exigência. A empresa o recomendou que enviasse o material produzido primeiramente à agência de notícias espanhola EFE. O acordo era que, de Madri, o texto seria encaminhado ao

---

<sup>7</sup> Em seu livro *Showrnlismo: a notícia como espetáculo* (2002), ele fala das experiências na América Latina quando era repórter da *Folha de S. Paulo*, na década de 1980.

<sup>8</sup> O governo Sandinista chegou ao poder depois de um longo período da “ditadura sangrenta” liderada pela família Somoza, como argumenta José Arbex Jr. (2002). A revolução que colocou os sandinistas no poder foi apoiada por segmentos populares. Eles representavam a ideologia socialista e sofreram a oposição dos “contras”, apoiados pelos Estados Unidos – ainda de acordo com o relato de Arbex. Jr.

Brasil e, depois, de volta à América Latina. A agência noticiosa também cobria os acontecimentos da crise paraguaia e era responsável por boa parte das notícias publicadas pelo jornal brasileiro. Mesmo com o acordo firmado para fazer a cobertura dos acontecimentos no país vizinho, a passagem do enviado ao local foi curta, durando menos do que o previsto, e sua volta ao Brasil acabou sendo antecipada.

A Ditadura Militar no Brasil, no entanto, contribuiu para a evolução do jornalismo internacional, como lembra João Batista Natali (2004). O processo autoritário retirava debates sobre ideologia, democracia e liberdade das editorias de Política e Cultura, o que fez os jornais apostarem na editoria de Internacional para abordar esses temas, mostrando o que acontecia em outras nações e iam contra as idéias defendidas pelos defensores do regime.

Com pautas tão amplas e de certo modo as únicas a levantar essas questões nas redações brasileiras, as editorias de Política internacional despertavam durante o regime militar um interesse inédito junto ao cidadão-leitor. Isso ocorreu sobretudo durante os chamados “anos de chumbo” do governo Médici. Eram elas, essas editorias, até meados do governo Geisel, que abordavam questões vitais no Brasil, como tabu, ou segundo a terminologia oficial da época, como “subversivas” (NATALI, 2004, p. 50).

O enviado especial ou o correspondente internacional<sup>9</sup> tem outros problemas mais comuns e menos perigosos, em princípio, como as diferenças lingüísticas e culturais e o confronto entre as suas formas de entender o mundo e as da população local. O mesmo José Arbex Jr. conta que sentiu uma “revolta intelectual” (ARBEX JR., 2002, p. 181) por causa do conflito entre suas convicções pessoais e as várias interpretações de mundo dos povos dos países pelos quais passou. Entretanto, ele reafirma que é importante acabar com o preconceito, se a intenção é querer entender as outras culturas:

---

<sup>9</sup> Enviado especial é o jornalista que viaja para outra região a fim de cobrir os acontecimentos locais. Ele fica alguns dias ou semanas, geralmente em hotéis, e volta em seguida para sua cidade. Já o correspondente internacional é contratado pela empresa jornalística para morar em outro município, geralmente em outro país, para acompanhar diariamente os acontecimentos da região. Hermano Henning conta, em seu livro *Via satélite: histórias de um correspondente internacional*, que foi contratado pela Rede Globo de Televisão para cobrir os acontecimentos na Alemanha. No início do livro ele diz como foi a mudança para Colônia, próximo à capital

A aceitação provinciana de imagens e certezas preconcebidas sobre outros povos se deve, em parte, ao fato de que, cultural e psicologicamente, é muito mais fácil sustentar um preconceito do que desmontá-lo. Ao longo da minha carreira profissional, passei por vários outros “choques culturais” e aprendi, a duras penas, não haver nada que forneça garantias intelectuais contra o preconceito. É muito difícil, talvez impossível, elaborar um conceito sobre outros povos e culturas que não seja profundamente afetado por “certezas” e imagens estereotipadas e reducionistas. Tampouco, o contato direto com outras culturas garante, por si só, que o preconceito vá ser demolido. Pode ser até reforçado, se não houver a disposição de colocar em xeque os próprios valores (ARBEX JR., 2002, p. 190 e 191).

As opiniões do jornalista ainda revelam outro tema fundamental para o estudo da imprensa brasileira e a relação dela com os acontecimentos internacionais, que pode ser destacado a partir do que ele chama aqui de “imprensa provinciana” (ARBEX JR., 2002, p. 191). O conceito é uma crítica ao “consenso fabricado”<sup>10</sup>, que segundo Arbex Jr. é praticado nos jornais brasileiros. Os periódicos do país preferem publicar a versão dos despachos enviados pelas agências de notícias e das reportagens dos grandes veículos de imprensa, causadores de repercussão nacional quanto a suas abordagens a determinados assuntos, como o *New York Times*, *The Washington Post* e *The Economist*.

Isso é verificado quando ele viaja para o Haiti e percebe um “vazio de poder”, enquanto “as massas” preparam uma “revolução” (ARBEX JR., 2002, p. 198). O repórter escreve matérias sobre suas percepções e é advertido pela direção do jornal. A justificativa da *Folha de S. Paulo*, conta ele, é que as agências de notícias e os demais veículos de imprensa responsáveis pela cobertura da crise do país não relataram nada parecido com as impressões apresentadas por ele. As matérias de Arbex Jr. foram publicadas apenas porque havia poucas pessoas na redação durante o final de semana em que foram enviadas.

---

alemã, e a ida para Londres, Inglaterra, quando as atividades da emissora foram centralizadas na capital britânica.

<sup>10</sup> Termo encontrado nos estudos do pesquisador Noam Chomsky, autor de *O que o Tio Sam realmente quer?* e *O lucro ou as pessoas?*, nos quais são apresentados estudos sobre dominação cultural, através da difusão simbólica, e as perversidades do sistema capitalista. Ele também é autor de um documentário chamado *Manufacturing consent* (“Consenso fabricado”) com as discussões dos Estados Unidos para interferir no governo da Nicarágua.

A permanência do jornalista no Haiti foi sustentada apenas porque o movimento popular tirou do poder, poucos dias depois, os representantes do regime do antigo ditador. Isso fez com que os acontecimentos notados pelo repórter, mas que não foram abordados pelos demais veículos de imprensa, fossem reconhecidos pela direção do jornal como verdadeiros e merecedores de destaque. Se não fosse isso, lamenta, suas matérias parariam de ser publicadas e ele ficaria sem acompanhar as manifestações do país.

As características apresentadas até aqui estão relacionadas diretamente ao trabalho dos repórteres. Ainda há as funções ligadas aos editores e aos redatores. Em alguns jornais, são eles os responsáveis pela produção diária das notícias da editoria, e o trabalho é todo feito a partir da redação. Esse é o caso dos dois jornais mineiros pertencentes ao grupo Associados, o *Estado de Minas* e o *Diário da Tarde*. No primeiro, um editor fica responsável pelas notícias que vão ser publicadas. Ele é auxiliado por um redator, além de um diagramador para cada turno de trabalho.

A equipe acumula as responsabilidades pelo espaço dedicado à Ciência. O trabalho, contando as duas editorias, fica entre três e cinco páginas de jornal por dia. A editoria é subordinada ao editor-chefe de Política e Nacional, setores que dividem o primeiro caderno com Internacional – os assuntos de Economia e a elaboração da capa ficam por conta de outras pessoas. Já no *Diário da Tarde*, o trabalho é feito essencialmente por uma única pessoa, que também desenvolve a função sem sair da redação, quanto mais viajar para outro país.

Entre os problemas enfrentados por esse grupo de profissionais, está a definição do que é notícia internacional e a escolha dos assuntos que vão ganhar destaque nas edições dos jornais. O pesquisador italiano Furio Colombo (1998) acredita que a dificuldade em definir notícias nacionais e internacionais é que esta segunda categoria surge a partir de fatos que aconteceram fora do país no qual o jornal é publicado. Além disso, para ele, elas precisam ser

relacionadas à repercussão mundial que o assunto causa. A afirmação precisa ser cuidadosamente analisada, antes de ser considerada verdadeira. Em um primeiro momento, a proposta leva a crer que a maioria dos temas pode ser de caráter internacional.

Isso, a partir do pressuposto de que acontecimentos que envolvem seres humanos são universais, na medida em que causam impressões semelhantes nos homens e mulheres, mesmo que a cultura na qual se inserem seja diferente. Isso porque as diferenças culturais influenciam nas atitudes tomadas como resposta ao acontecido e nas interpretações que são feitas deles. O fato, no entanto, permanece o mesmo. Um pequeno acidente doméstico causa uma identificação em pessoas de qualquer parte do mundo, que também podem viver uma situação parecida. Ele, porém, não ganha as páginas dos jornais estrangeiros por não alterar, de forma significativa, as relações sociais das várias populações espalhadas pelo planeta.

A defesa de Furio Colombo para que a diferenciação entre acontecimentos nacionais e internacionais está na repercussão mundial que eles causam está mais diretamente ligada ao que ele chama de “assunto transnacional” (COLOMBO, 1998, p. 120). O pesquisador italiano faz uma distinção entre reportagens internacionais e “transnacionais”. As primeiras, diz ele, referem-se à convivência entre governos nacionais ou entre as autoridades diplomáticas dos países. Geralmente são temas econômicos, políticos e estratégicos. A outra categoria está relacionada à interação entre pessoas de várias origens ou povos de diferentes culturas. Os acontecimentos transnacionais são, portanto, aqueles em que a “crônica local” (COLOMBO, 1998, p. 120) se transforma em fato de relevância internacional. Elas abrem a possibilidade da reflexão e discussão sobre as leis, a moral ou os conflitos históricos cujos resultados influenciam diversas regiões do mundo – a humanidade como um todo. Além disso, essa categoria definida pelo pesquisador revela diferenças, injustiças e medos comuns à maioria dos seres humanos.

Alguns fatos são considerados importantes e veiculados na editoria de Internacional por surgirem em lugares distantes, mas terem conseqüências próximas. Eles geralmente envolvem regiões fora daquela em que tiveram origem. Um exemplo são os fenômenos meteorológicos, que interferem na realidade de várias pessoas e podem se manifestar em qualquer parte do planeta. Eles dizem respeito às populações e não aos contratos e acordos entre governos e autoridades, como enfatiza Furio Colombo. A partir deles, “encontramo-nos, deste modo, perante um mundo de acontecimentos transnacionais cujas características principais são a incontrolabilidade e a extrema vitalidade e capacidade de atravessar o mundo” (COLOMBO, 1998, p. 127 e 128). Outros exemplos são a Aids, o comércio e consumo de drogas, a migração ilegal, os problemas ecológicos e os conflitos religiosos. Esses acontecimentos são incontroláveis e atravessam o mundo, atingindo povos de várias origens e de diferentes culturas.

A difusão da cultura em escala global<sup>11</sup> também corresponde aos temas definidos como transnacionais. Atualmente, é mais constante a presença de histórias, assuntos e “modas” que não pertencem aos países em que são veiculados, mas que influenciam as populações locais, como se também fizessem parte da tradição local. A importação de elementos simbólicos de regiões geográficas distantes afeta todas as categorias sociais. Um filme ou uma música influi no comportamento e nos gostos dos jovens de países distintos. A elaboração de uma nova teoria ou a divulgação de um ensaio científico modifica as convicções de estudantes e profissionais de vários lugares do planeta. O lançamento de um carro ou de um novo computador motiva pessoas de diferentes regiões do mundo a reestruem a previsão de gastos em seu orçamento. Esses interesses “transnacionais” são,

---

<sup>11</sup> Assunto tratado mais detalhadamente no primeiro capítulo, com especial atenção às idéias de John B. Thompson (2002 e 2004).

portanto, causados em boa parte pelo sistema político, econômico e cultural de estímulo ao consumo que a maior parte dos povos vive atualmente<sup>12</sup>.

As celebridades ganham um lugar de destaque na veiculação dessas notícias transnacionais, principalmente no que se refere aos assuntos que envolvem personagens e histórias que influenciam as populações locais, mesmo sendo pertencentes a outros países. Para Furio Colombo (1998), as pessoas famosas estabelecem laços de afetividade com o público, que passa a desconsiderar “as fronteiras e as raízes” (COLOMBO, 1998, p. 124) e criar relações ilusoriamente pessoais com elas. O estudioso da comunicação Ignacio Ramonet (1999) lembra de dois casos que serviram para transformar de maneira radical o alcance das informações veiculadas em escala mundial. Para ele, situações como a morte da princesa Diana e de seu amante Dodi Al-Fayed em um acidente de carro, ou o romance do ex-presidente dos Estados Unidos Bill Clinton e com uma ex-estagiária da Casa Branca, Mônica Lewinsky, fizeram as notícias internacionais serem transmitidas de um jeito global diferente. Esses acontecimentos foram acompanhados e comoveram, de forma semelhante, pessoas de todo o planeta. Eles se tornaram temas de debates e eram manchetes em jornais de todas as partes do mundo.

Internacionais ou transnacionais, as guerras são acontecimentos importantes do ponto de vista da cobertura de Internacional. Nelas, entretanto, são encontrados aspectos que induzem acreditar que há um processo de construção da realidade através da manipulação de imagens e depoimentos. Para José Arbex Jr. (2002), a preparação para a Guerra do Golfo – em 1991 – foi um exemplo dessa recriação dos fatos e favorecimentos de ideologias, por parte da imprensa ou de poderes políticos e econômicos. Durante meses, argumenta, foram mostradas as cenas dos soldados americanos despedindo-se de suas famílias. Enquanto isso, eram levadas ao público ocidental imagens exóticas e chocantes dos costumes exóticos dos

---

<sup>12</sup> Como foi visto em Néstor García Canclini (1999), também no primeiro capítulo deste trabalho.

árabes. Isso causou uma ideologia de divisão entre o “bem” representado pelo acidente democrático, cristão e livre de um lado, e o “mal”, relacionado com os fanáticos religiosos, intolerantes e de cultura áspera.

## **2.1 Os assuntos da América Latina nos jornais**

Alguns autores, principalmente aqueles que atuaram na redemocratização pós-ditaduras militares dos anos 1980 ou então durante a fase de abertura econômica da década de 1990, como José Marques de Melo (1989) e Luis Ramiro Beltrán e Elizabeth Fox de Cardona (1982) – e os pesquisadores contemporâneos são largamente influenciados por eles – defendem uma maior integração entre os países da região. Segundo eles, essa é a forma de superar a dependência econômica e simbólica do continente em relação às nações mais industrializadas.

Os meios de comunicação têm um dos papéis centrais nesse processo. Como vimos no primeiro capítulo, o comportamento dos cidadãos é afetado pelas opiniões e informações que circulam nos veículos de informação. Os assuntos tratados nos jornais são debatidos nas ruas e casas no dia seguinte. Os protagonistas de uma reportagem sobre um acontecimento importante são procurados pelos outros veículos de imprensa para confirmar a versão apresentada sobre o fato. E as pessoas, que não participam das decisões oficiais, tragédias internacionais ou tendências econômicas têm sua realidade montada a partir das páginas do impresso, dos blocos do telejornal, da voz do locutor e dos hiperlinks da Internet.

São os aparelhos de comunicação que filtram e dão sentido aos processos sociais, à circulação de mercadorias e às decisões tomadas pelo Estado, como analisa José Marques de Melo (1989). A estrutura simbólica que dá sentido à sociedade está calcada nas informações e

opiniões transmitidas pelos veículos de comunicação, e isso não é diferente na América Latina.

Mas existe um desequilíbrio na difusão do que John B. Thompson (2000) chama de bens simbólicos. Para Melo, essa influencia nas diferenças econômicas e políticas que separam os países desenvolvidos dos países em desenvolvimento e periféricos. Esses desníveis são afetados pelo fluxo “unidirecional” de informações internacionais e pelo monopólio do sistema de difusão de mensagens nas mãos de empresas transnacionais. Isso impede a mobilização da opinião pública em favor de uma integração do continente, o que fortaleceria o poder de negociação política e econômica com outras regiões do mundo.

Aliás, há quem diga que a comunicação é um instrumento “modelador de consciências individuais e sentimentos coletivos”, como o pesquisador Pasquali (*apud* Melo, 1989, p. 23). Para ele, os sistemas de comunicação nos países periféricos foram implantados sem que houvesse uma estratégia definida de antemão pelo Estado. Assim, os meios se desenvolveram sob o controle das empresas privadas, das elites nacionais e de corporações transnacionais.

A maior integração entre os países da América Latina também é defendida por Guillermo Piernes (1990). Ele acredita que isto será possível através da comunicação de massa trabalhando em favor desse ideal. Ele lembra que os países da Europa superaram os ressentimentos de séculos de guerras para darem-se as mãos, unindo-se com o objetivo de ampliarem o poder de negociação política e econômica entre si e no mundo. Essa é a realidade atual da União Européia.

Chegaram os jornais, os rádios, os televisores, os satélites, os computadores. As cataratas de notícias, de imagens, tornando o mundo mais próximo. Mas na Pátria Grande com que sonhou Bolívar sabe-se muito pouco das outras nações vizinhas e irmãs. Quase cinco séculos depois da chegada dos europeus ao continente, os povos dos países latino-americanos pouco intercambiam em matéria de informação, de cultura (PIERNES, 1990, p. 9).

Para ele, processos sociais importantes são orientados pelos meios de comunicação de massa. Mas há pouca expectativa de que os veículos de comunicação façam algo de relevante no sentido da integração regional. Isso vai além do domínio da difusão dos valores culturais pelos países mais desenvolvidos, mas passa pela “preguiça” dos veículos do continente, pela falta de vontade, desinteresse, incompetência, falta de criatividade.

E assim o super-herói norte-americano do momento será sempre mais famoso que qualquer dos compositores musicais da região; uma legisladora italiana de peitos de fora continuará desalojando dos noticiários a demarcação das terras indígenas (...) Que escutemos mais idéias e músicas latino-americanas, para que aprendamos mais histórias que as que sempre começam pelas guerras (PIERNES, 1990, p. 10).

Piernes lembra que o direito à informação é prioritário, tanto quanto à alimentação, saúde, educação e moradia. Mas a fome, o analfabetismo, a mortandade e a promiscuidade fazem com que ela tenha pouca importância para as populações, principalmente na América Latina. Uma família sem informação é algo menos dramático que uma família sem comida. Mas o povo, “informado corretamente, saberia por que lhe falta o pão, a saúde, a escola, a habitação. Saberá como plantar corretamente, como limpar a água que bebe, como construir uma casa mais econômica” (PIERNES, 1990, p. 11).

Felizmente, no Brasil a comunicação tem funcionado nesse sentido. Vê-se o exemplo da televisão. É por ela que o jovem aprende a namorar e a dona de casa sabe o que é preciso comprar para o lar, como lembra Eugênio Bucci (1997). Mas ela serve de influência também para uma possível alienação. Os exemplos vêm através da publicidade, do esporte. A política também é tema de debate e altos índices de audiência na televisão, como no caso das transmissões e cobertura das recentes CPIs no país. Mas acaba sendo desenhada de forma superficial e banalizante.

### 3 A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

As informações são veiculadas nos jornais através de notícias, reportagens, desenhos, gráficos, fotografias e tabelas. A notícia é a estrutura básica de uma informação a respeito dos acontecimentos da sociedade. Ela funciona como o ponto de partida para a elaboração de uma reportagem, que traz uma série de análises sobre o contexto e as perspectivas dos assuntos apresentados. A pesquisadora da área de Comunicação Cremilda Medina (1988) conceitua essas estruturas informativas básicas como representações da realidade construídas pelos jornalistas, que participam do acontecimento e dele colhem as informações essenciais para escrever textos sobre os acontecimentos que serão lidos ou falados pelos repórteres.

Para Adriano Duarte Rodrigues (1993), o fato jornalístico irrompe sem nexos aparentes nem causas conhecidas, e por isso mesmo é notável. Ele considera que há vários registros da notabilidade dos fatos. São eles: o registro do *excesso* –o funcionamento anormal dos elementos–, da *falha* –o defeito ou insuficiência no funcionamento normal e regular dos corpos, tanto o corpo institucional, quanto físico e humano–, e ainda o registro da *inversão* – o funcionamento de forma contrária e imprevisível.

É acontecimento tudo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 27).

Ele lembra que não são apenas os registros de notoriedade citados que tornam um acontecimento notável. É certo que o próprio discurso dele o faz emergir como notável, a partir do momento em que se torna dispositivo de visibilidade universal, com a existência de uma identificação do mundo, das pessoas, das coisas e das instituições.

Rodrigues não cita os acontecimentos que são esperados com uma certa expectativa pela sociedade e até mesmo pelos próprios jornalistas. A edição de regras que levem a contento a reforma agrária, no Brasil, não somente merece um registro como acaba ganhando um caderno especial em vários jornais. Então, é notícia aquilo que os jornalistas querem ou consideram que seja. A partir da publicação de um acontecimento por um jornal e o fato ganha a discussão pública, ele passa a ser noticiado pelos outros veículos.

Ao considerar a falha como acontecimento, diz que “a queda repentina e imprevisível dos valores da bolsa”, “a revolta imprevisível que rebenta numa penitenciária” e “os terremotos” são notícias (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 28). No entanto, analisando alguns exemplos descritos pelo pesquisador, a queda bolsa de valores afeta uma grande quantidade de pessoas e traz conseqüências para toda a economia de um país e, conclui-se, o fato de afetar um grande número de pessoas é a determinante mais importante para que os acontecimentos sejam noticiados.

Rodrigues considera o discurso jornalístico apenas como um movimento de especulações a respeito do imprevisível. Ele faz isso ao acreditar que o racional é algo previsível e está relacionado à “sucessão monótona das causas” (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 29), regida por regularidades naturais e por leis estabelecidas. Já o acontecimento é imprevisível. Assim, “o discurso do acontecimento é uma anti-história, o relato das marcas de dissolução da identidade das coisas, dos corpos, do devir” (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 29).

Por isso, a notícia é no mundo moderno o negativo da racionalidade no sentido fotográfico deste termo. O racional é da ordem do previsível, da sucessão monótona das causas regidas por regularidades e por leis; o acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície epidérmica dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 29).

No entanto, Rodrigues parece não contar que uma das funções da reportagem é encontrar as causas dos acontecimentos e as possíveis conseqüências que possam afetar a vida das pessoas. Por outro lado, ao considerar que o nascimento e a morte são “acidentes-limite” (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 29), não menciona ou não quer mencionar que ambos têm suas causas, que são investigadas no jornalismo – através do contato com a polícia, com especialistas e com pessoas envolvidas.

Adriano Duarte Rodrigues cita ainda os “meta-acontecimentos”, criados pela própria mídia e que “irrompem do seio da ordem regular do funcionamento das coisas, das pessoas e das instituições” (RODRIGUES. In: TRAQUINA, 1993. p. 30). Eles não seguem a lógica “explosiva” dos acontecimentos regidos pelo excesso, pela falha ou pela inversão, mas implosiva, já que são criados e espetacularizados pelo discurso da notícia.

Os meta-acontecimentos são, por isso, acontecimentos discursivos, actualizações de enunciados pertencente s a vários regimes enunciativos que se encadeiam entre si segundo regras de encadeamento próprias. Esta afirmação vai contra a idéia corrente de que o discurso é uma mera representação das coisas e de que, como tal, é possível de ser apreciado apenas em termos de adequação ou de não adequação das coisas representadas (RODRIGUES *apud* TRAQUINA, 1993, p. 30).

A construção dos relatos que os jornalistas trarão ao público respeita um conjunto de regras que pretendem facilitar o trabalho do repórter e tornar a comunicação das informações ao leitor<sup>13</sup> mais eficiente. A estrutura da notícia é definida através de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante, na classificação do jornalista Nilson Lage (1985). Os acontecimentos não são narrados, mas expostos.

Isso porque a narrativa é um gênero literário de tradição épica e acontece através da organização dos eventos em seqüência: são apresentadas na mesma ordem em que teriam acontecido. A apresentação dos fatos é uma relação de causas e efeitos, em que a situação

---

<sup>13</sup> O público é muitas vezes tratado ao longo deste trabalho apenas como “leitor”. Isso porque a pesquisa se apóia no estudo de dois jornais impressos, o *Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo*. Os lugares onde o termo

posterior foi causada pela imediatamente anterior. Assim, escrever uma notícia não é exatamente narrar os acontecimentos, mas expô-los.

A notícia é escrita a partir do acontecimento principal, com o *lead* (principal) sucedido pelo *sublead* (informações secundárias, que fecham as informações essenciais para o entendimento da história), seguido pelos demais eventos que complementam, detalham e acrescentam dados à notícia. “Os eventos estarão ordenados não por sua seqüência temporal, mas pelo interesse ou importância decrescente, na perspectiva de quem conta e, sobretudo, na suposta perspectiva de quem ouve” (LAGE, 1985, p. 21).

A importância das informações que vão ser relatadas em seguida, na matéria, vem da relação delas com o fato principal, na opinião do jornalista. Um corredor vazio de um prédio não é importante, mas se torna fundamental se ele ser o palco de um incêndio ou de um homicídio. Se o local está vazio, então é porque não houve vítimas no primeiro caso ou não existem testemunhas do crime, na segunda hipótese. Ou seja, os dados têm importância e entram no texto dependendo da relação deles com o fato principal, que abre a matéria.

A construção das notícias passa por três etapas. A primeira é a seleção dos acontecimentos essenciais e que merecem destaque na reportagem. O pesquisador da Comunicação Mário Erbolato (1991) lembra que vários acontecimentos se passam no mundo a cada instante. Então, saber escolher entre os assuntos é o primeiro trabalho do jornalista. A escolha é feita pelo repórter que vai ao local dos acontecimentos ou pelo apurador ou redator, direto da redação. Em seguida, os dados passam pelo crivo do editor da página, que define se está faltando informações ou se é preciso excluir algumas partes do que foi colhido pelos jornalistas. A segunda etapa de produção da notícia é a ordenação ou hierarquização das informações.

---

“leitor” for empregado, na maioria das vezes, podem ser substituídos por espectador, telespectador, ouvinte ou mesmo internauta.

Esse processo passa pela definição de quais são os mais importantes ou mais interessantes, que influenciam na escolha e na ordem em que os demais dados vão aparecer, uma vez que eles são conseqüências ou explicações sobre a principal informação. A terceira fase é a nomeação, ou a escolha das palavras que serão usadas para contar a história, para que as idéias sejam apresentadas da maneira que o narrador pretende, na visão de quem conta – o jornalista – e diretamente relacionada ao contexto social e de entendimento público alvo e à linha editorial de tratamento da notícia do jornal.

Outra regra para a construção das notícias é usar o menor número de palavras e expressões para apresentar os fatos. Isso aumenta a comunicabilidade da mensagem, o que faz com que a informação seja transmitida de forma mais eficiente e com menos riscos de ruídos. Assim, o texto fica mais direto e objetivo, além de ser uma ferramenta contra as limitações de espaço e de tempo para a publicação das notícias.

A linguagem também é mais simples, de uso corrente, coloquial, e menos rígida gramaticalmente. Os locutores de um jogo de futebol, por exemplo, descrevem os acontecimentos com rapidez e ainda assim são entendidos porque usam um “pequeno elenco de palavras e expressões e sintaxe pobre” (LAGE, 1985, p. 22). A repetição, tanto no caso dos narradores de futebol quanto no texto dos meios de comunicação, precisa ser repetitiva, como acrescenta Erbolato:

A teoria da informação, lembra Albert Kientz<sup>14</sup>, ensina que a inteligibilidade de uma notícia exige certa redundância e que os jornais selecionam as informações segundo o grau de implicação de cada uma delas, retendo as que pouco se distanciam psicologicamente dos indivíduos (ERBOLATO, 1991, p. 50)

Essas regras e a rotina produtiva do jornalista influenciam na apresentação dos acontecimentos pelos profissionais e no entendimento da informação pelos leitores. De acordo

---

<sup>14</sup> Albert Kientz é teórico, autor de *Comunicação de massa*, de 1973, com tradução brasileira de Álvaro Cabral.

com o jornalista Clóvis Rossi (1980), a objetividade<sup>15</sup> é um dos principais mitos encontrados no jornalismo. Os profissionais nunca conseguem se despir da sua personalidade, suas opiniões e ideologias, pertencentes à bagagem cultural que o levam ao entendimento dos fatos que vai expor.

O que os jornalistas podem fazer, continua Rossi, é ouvir os dois ou demais lados da notícia, ou seja, quem é contra e quem é a favor das ações e situações percebidas na sociedade. Ele tem que se posicionar de maneira objetiva e isenta, sem argumentar em defesa dos pontos de vista das fontes consultada. A meta do jornalista é sempre procurar e escrever sobre a verdade dos acontecimentos. Essa veracidade é conseguida com a apuração dos fatos, a checagem com as fontes e as pesquisas nos arquivos da empresa, de instituições públicas, privadas e na Internet. A notícia se afirma como verdadeira, mas não conclui ou argumenta a favor de algum ponto de vista. Ele apresenta os fatos e coloca lado a lado opiniões e relatos para tratar da “verdade”.

A idéia da verdade está, aí, restrita ao conceito clássico de adequação do enunciado aos fatos. Do ponto de vista técnico, a notícia não é avaliada por seu conteúdo moral, ético ou político; o que importa é se de fato aconteceu aquilo ou, no caso de uma entrevista, se o entrevistado disse realmente aquilo (LAGE, 1985, p. 25).

Ainda de acordo com Nilson Lage, outra característica da notícia é que, além de ser verdadeira, é preciso que ela pareça verdadeira, para que exista credibilidade. Para isso, é preciso abandonar termos imprecisos, como “alguns” e “vários”, e adotar números sempre precisos ou aproximados.

Antes de informar que uma cidade está próxima da capital ou que um time está próximo de ser rebaixado, é preciso verificar, descobrir, apurar as informações, exatas ou

---

<sup>15</sup> A objetividade é um ideal a ser seguido pelos jornalistas, uma vez que alcançá-la é algo impossível, já que ele não consegue se “desarmar” de suas ideologias e opiniões enquanto faz a reportagem. Como o tema se distancia dos objetivos propostos nesta pesquisa, e sem desconsiderar a sua importância, ele vai ser pouco explorado aqui. O conceito é explorado em profundidade na obra *A objetividade jornalística*, de Luiz Amaral (Porto Alegre: Sagra, 1996).

mesmo apenas os valores aproximados. As informações como hora e número exato de pessoas machucadas em um acidente, por exemplo, dão efeito de realidade ao noticiário. O uso de comparações também é muito importante. Escrever que um edifício é alto deixa impreciso o tamanho do prédio. O que é alto para o redator pode não ser para o leitor.

### **3.1 Angulação: fontes, edição, diagramação e a influência dos níveis sociais**

Entre as principais características que influenciam na produção da notícia e no entendimento que dela é feita pelo leitor está a angulação, que compreende a escolha das fontes de informação e edição dos textos. Outro fator, fora a construção verbal da notícia, é a programação visual do jornal, incluindo o uso de imagens e gráficos que compõe e complementam as informações escolhidas pela reportagem para integrar a notícia.

Antes de esclarecer sobre a escolha das fontes e a seleção e edição do material recebido, é importante destacar elementos que definem a angulação da notícia, apresentados de forma sistemática pela pesquisadora Cremilda Medina (1988). Segundo ela, são encontrados os três níveis que representam as sociedades urbanas e modernas durante os estudos da angulação das notícias em jornalismo. Os aspectos individual, grupal e coletivo, de acordo com a pesquisadora, são três ambientes que afetam na formatação das notícias e lhe dão sentido além do que é percebido nos dados colhidos pelo repórter.

O nível-grupal representa os interesses econômicos, políticos e ideológicos em meio aos quais as matérias são criadas. A empresa jornalística e a redação são esses fatores influenciadores. A condução da matéria começa com a elaboração da pauta, que surge depois das discussões entre os jornalistas da redação ou as chefias de reportagem sobre o que merece destaque na edição do jornal. Ela pode ser intencional, procurada ou ocasional.

Em grande parte das vezes, esse documento que conduz o trabalho do repórter tramita também pelas salas da gerência e da diretoria da empresa ou mesmo vem recomendada por esses setores, de forma menos ou mais descartável, dependendo do nível de autoritarismo ou independência que os repórteres desfrutam na corporação e dos vínculos políticos e econômicos que a empresa mantém na sociedade. Assim, a pauta apresenta a linha editorial e de estilo que caracteriza a empresa, conduzidos pela ideologia dos dirigentes e profissionais que nela trabalham.

Essa angulação do nível grupal se manifesta muito clara, é evidente, em todas as mensagens opinativas das páginas editoriais. Os próprios artigos assinados, naturalmente selecionados de acordo com a sintonia dos autores com a empresa jornalística, são material de estudo nesta categoria de angulação. Mas a par da opinião expressa, uma análise mais detida vai encontrar indícios de angulação da empresa em toda a codificação de jornalismo informativo: a seleção dos telegramas, sua formulação no código lingüístico e visual, a orientação dos editores ao corpo de repórteres e a preocupação dos redatores em “fecharem” as páginas de acordo com a política jornalística da empresa manifestam a presença não mais acintosa como nos idos de 40 que Nelson Rodrigues registra em suas peças, mas relativamente sutil de um “o patrão quer assim, ele é quem manda” (MEDINA, 1988, p. 74).

O segundo nível influenciador é o coletivo, que representa o que se convencionou chamar de “gosto médio da população”. Pela expressão, é perceptível que esse fator é influenciado diretamente pela existência de uma sociedade capitalista e de consumo. Mas vai além e representa toda a combinação de características de uma organização social moderna. Os aspectos culturais contemporâneos, a fase de industrialização menos ou mais avançada das nações e o momento político pelo qual o país passa representam fatores que influenciam nesse nível de angulação da notícia. É o que Cremilda Medina chama de nível-massa.

Essa categoria está presente na formulação dos textos, nos apelos visuais e lingüísticos do jornal, na seleção dos fatos e na preocupação em corresponder ao já citado gosto médio da população. Essa angulação se sobrepõe ao dos grupos quando a empresa se transforma em indústria da informação, vira uma grande corporação da mídia. Antes disso, existe a fase que Cremilda Medina chama de passagem da pré-grande industrialização para industrial

amadurecida, fase em que o nível grupal se acentua, antes de ser precedido no momento seguinte pelo nível-massa.

Aliás, esse fator de angulação influencia não apenas o formato, mas também o conteúdo das matérias. São escolhidos temas e casos que despertam o interesse humano, como os relatos pessoais que envolvem tragédias e conquistas e por isso emocionam os leitores. As histórias fazem o público criar um vínculo afetivo, como lembra Ignácio Ramonet<sup>16</sup> (1999), com o personagem que viveu o caso. Também ganham espaço as notícias sobre as celebridades, a complementação biográfica pitoresca e a vida privada de políticos, artistas e cientistas – também citadas por Ramonet.

A angulação-massa está, pois, nas aparências externas – formas de diagramação atraente, valorização de certos ângulos e cortes fotográficos, apelos lingüísticos como título e narração dos fatos. Está também nos conteúdos e no processo de captação desses, extraídos de uma sociedade (MEDINA, 1988, p. 75)

O nível individual ou pessoal vem da mesma proposição que Clóvis Rossi usa para negar a existência de uma objetividade absoluta em jornalismo, citado no início deste capítulo. O simples fato de o jornalista ser um humano com sentimentos e personalidade única significa que ele tem paixões e convicções, às vezes mais destacadas que dos outros profissionais, já que trabalha diariamente com representações simbólicas e com o embate entre diversas formulações de argumentos para apresentar opiniões. Isso influencia na forma de enxergar a realidade para a qual foi destacado pela chefia para relatar em uma reportagem.

Além disso, a empresa – identificada como o nível grupal – também influencia na angulação diretamente no comportamento do repórter, à procura de ascensão profissional. Isso é mais observado nos iniciantes, que procuram corresponder à empresa, assumindo valores e comportamentos típicos da empresa e dos profissionais que nela trabalham.

---

<sup>16</sup> Autor citado nos dois primeiros capítulos deste trabalho pelo estudo *A tirania da comunicação*, de 1999.

As pressões de tempo e a abordagem que vai dar ao texto – nos veículos em que o profissional é mais independente para criar e pesquisar o tema apresentado no final do expediente – são fatores que influenciam na angulação das matérias. As reportagens ainda são afetadas pelas formas de investigação das notícias que o repórter empreendeu, o que vai dizer se no dia seguinte a notícia saiu com as fontes de informação mais adequadas, os furos de informação ou dados defasados em relação aos apresentados nos demais veículos.

Mas, segundo Medina, o nível de angulação tem perdido espaço por causa de apresentar o texto de forma cada vez mais impessoal e anônima. O jornalista Nilson Lage (1993) acredita que essa impessoalidade é uma das restrições da produção da notícia. Ao redator ou repórter é negado o uso dos pronomes “eu” e “você” durante a escrita. A relação com o público é apenas informativa. Isso tem mudado em alguns veículos pela influência da publicidade e da necessidade de criar uma relação de proximidade e simpatia entre o veículo e o público.

Os textos de televisão e revista são exemplos disso. A defesa dos dois lados é válida: a impessoalidade dá credibilidade ao trabalho, que parece ser feito por uma equipe mais séria e responsável; ao mesmo tempo, o texto pessoal ajuda a criar uma relação de proximidade com o público, o que é fundamental aos veículos de comunicação na atualidade. Mesmo porque a ampliação dos canais de interação com os leitores, espectadores, ouvintes e internautas tem sido uma das buscas dos veículos na atualidade. E interação é uma relação de proximidade e igualdade entre público e jornalistas.

Em qualquer caso, argumenta Cremilda Medina a respeito da angulação em nível pessoal, quando o estilo próprio toma espaço e é aceito pelos jornalistas e pelo público, a forma pessoal e específica do profissional escrever é valorizada. Aliás, é entre os jornalistas que essa pessoa é mais incentivada, até mesmo para conquistar o mercado e melhorar a

posição da empresa. Os articulistas e comentaristas – esportivos, políticos e econômicos – são os melhores exemplos dessa valorização.

Naturalmente a criação pessoal como contribuição à mensagem jornalística não se encontra isolada dos outros níveis já analisados. Numa relação estrutural, os três níveis se encontram. Assim, o gênio individual segue tendências de consumo de massa e não vai contra o nível-empresa porque senão seria dispensado daquele jornal (MEDINA, 1988, p. 76 e 77).

Além desses aspectos, outro fator que influencia na angulação da matéria é a escolha das fontes de informação que vão ser ouvidas como recursos de pesquisa para complementar uma abordagem feita sobre determinado assunto, analisar acontecimentos recentes ou mesmo que vai servir como principal ponto de partida para uma investigação posterior, com a apresentação de dados novos que provocarão uma nova discussão ou reflexão a respeito do andamento da sociedade.

É preciso lembrar, antes de tudo, conforme o jornalista Nilson Lage (1985) pontua em seu estudo sobre a estrutura da notícia, que o repórter ou o próprio meio de comunicação são canais que transmitem a informação de uma fonte para um receptor. A afirmação vem da estrutura clássica da comunicação, em que um emissor envia uma mensagem codificada e através de um canal para um receptor. Deve-se deixar de lado por um momento as complexidades desse sistema, relacionadas por estudos mais recentes da área, que considera que o emissor também recebe informações imediatas através das reações dos receptores e que relaciona os ruídos que podem existir na transmissão da mensagem. No sistema fundamental que sustenta o modelo, o jornal é um canal e por isso mesmo é chamado de veículo ou meio de comunicação.

O leitor apreende a realidade através das informações transmitidas pelo noticiário, representadas pela opinião de especialistas e testemunhas dos acontecimentos, ou apresentam os fatos por meio das impressões de um profissional que foi ao local vivenciar o ocorrido. Ou

ainda, informações oficiais dos setores participantes e interessados nos lances importantes do dia a dia, que são colhidos da redação através do telefone, fax ou e-mail.

Nesse caso, a informação e a construção da notícia têm origem diferente das que são escritas pelos repórteres de campo, que vão à rua para conversar com os interessados, mas também para observar, sentir e vivenciar os acontecimentos. A escolha das fontes de informação é decidida pelo repórter, pela empresa jornalística ou ainda pela disponibilidade delas em falar para o veículo. Dependendo de quem conta a sua versão ou dá a sua opinião a respeito do fato, ele pode ganhar contornos diferentes que vão mudar a estrutura de apresentação e até mesmo mudar o sentido da informação que vai ser passada. A apresentação dessas opiniões no texto precisa ser verificada para que se perceba a ordem em que elas estão dispostas e o espaço que é dada a cada uma delas. Isso é outro fator que pode influenciar no entendimento do leitor da matéria.

Mas existe uma figura superior aos repórteres, redatores e apuradores, nas redações. O editor é que escolhe os assuntos que merecerão cobertura. Também são eles que coordenam os repórteres sobre como a matéria vai ser feita – há pelos menos uma instrução sobre o que pode ser abordado e qual é a idéia da cobertura esperada. Esse profissional é responsável por escolher os assuntos, a partir do que ele acredita que o público-consumidor quer. Ele é que decide os dados colhidos pelo repórter que entram na matéria final e define a abordagem, sempre em sintonia com a angulação sugerida pela empresa.

As funções do editor vão além. Ele é quem escolhe o lugar que a matéria vai ocupar na página, junto a qual assunto, e define os títulos e imagens que serão usadas. Quanto mais presente nas etapas de produção das matérias, como a coleta de dados, orientação dos repórteres, esboço da diagramação, seleção de fotos e aprovação do texto e da página, mais a matéria sairá articulada e em sintonia com as demais matérias do jornal. Existe, portanto, mais uma forma de angulação da notícia, que é a apresentação gráfica do texto e da imagem no

jornal. O projeto gráfico traz valores diferentes para os distintos espaços da página dos jornais e revistas que indicam a importância ou não das matérias, através da ordenação hierárquica dos espaços na página, que reservam valores visuais específicos.

### 3.2 O editor de Internacional

O editor está mais presente no espaço para os acontecimentos do mundo. Em Internacional geralmente não há cobertura de rua<sup>17</sup>. Os principais recursos disponíveis são os textos enviados pelas agências de notícias ou pelos dados do departamento de arquivo e pesquisa da empresa. Cremilda Medina argumenta que, em casos dos acontecimentos imprevisíveis, a edição no dia seguinte é “mais coerente, mais cuidada ou melhor coordenada” (MEDINA, 1988, p. 83), pois os recursos estão diretamente relacionados ao trabalho feito na redação, pelo editor.

Os antecedentes históricos do fato (pesquisa bibliográfica e de arquivo às vezes já na gaveta, de reserva), a tentativa de esboçar o fato no seu contexto atual, as opiniões de comentaristas internacionais (também previsíveis), as reações da imprensa mundial, mapas, gráficos e cronologias acessórias” (MEDINA, 1988, p. 83).

As próprias agências internacionais de notícias criam uma angulação na editoria. A coleta de informações passa por uma triagem por causa da grande quantidade de dados que chegam às redações, vindas dessas empresas. As notícias que tratam de assuntos importantes e que chegam de última hora, que chegam próximo ao horário de fechamento da edição, são praticamente “coladas na lauda” (MEDINA, 1988, p. 85).

O texto é apenas adaptado à grafia correta e de acordo com o padrão do jornal. Os serviços locais ligados à editoria, as reportagens de exterior feitas por repórteres deslocados

---

<sup>17</sup> A disposição de um enviado especial ou correspondente acontece em casos especiais, como foi visto no capítulo 2 deste trabalho, sobre as características do Jornalismo Internacional.

para buscar a matéria em outros países e as informações das agências nacionais apenas ocupam parte do espaço – quando ganham espaço – e nem sempre são valorizadas.

#### 4 ESTUDO DE CASO

O objetivo aqui é analisar dois jornais brasileiros quanto ao processo de seleção e à presença (ou não) das informações sobre a América Latina em seus cadernos de Internacional, voltados para assuntos que acontecem fora dos limites territoriais do país e que apresentam as notícias sobre o relacionamento, principalmente político e estratégico, das nações. Foram escolhidas duas publicações impressas de grande repercussão nacional e credibilidade, entre os leitores e os jornalistas. *O Estado de S. Paulo* e a *Folha de S. Paulo* estão dentro do conjunto dos quatro jornais diários mais tradicionais e lidos no país, e que por isso mesmo influenciam a construção do cenário social brasileiro através das suas reportagens e repercussões.

“O jornal *O Estado de S. Paulo*, fundado em 1875 com o nome de *A Província de São Paulo*, completa hoje 130 anos de existência e 125 de vida independente. É a comemoração de uma trajetória de luta pela democracia e pela liberdade”, dizia a chamada de capa da edição de 4 de janeiro de 2005, aniversário de lançamento da publicação. As reportagens do dia reforçam a independência da publicação desde o surgimento do periódico. Tanto que um aviso foi dado aos governantes da época de nascimento do diário, em que a publicação afirmava que “a redação aceita informações justas e autorizadas relativas a serviços públicos”, assim como sobre “desmandos da administração e governo” (O ESTADO DE S. PAULO, 4 de janeiro de 2005, p. A12). A edição também registrava as condições que permitiram sua criação, por meio da sociedade formada pelos agricultores, comerciantes, homens de letras e capitalistas.

O jornal foi a primeiro a vender suas cópias nas ruas de São Paulo, já que antes as edições eram adquiridas através das assinaturas e da compra diretamente com o pessoal da redação, na sede da empresa. Assim como as publicações brasileiras de renome, o *Estadão*,

como também é conhecido pelo público, trouxe inovações e contou com grandes nomes em suas redações. Os textos do jornalista Euclides da Cunha sobre Canudos foram inicialmente escritos para *O Estado de S. Paulo*. O periódico é tradicional em alguns aspectos, a começar pelo corpo de diretores do jornal. A direção do jornal passou para Júlio Mesquita em 1988, e até hoje as decisões são tomadas pela família. Ruy Mesquita é o atual responsável pela publicação. Ele começou a trabalhar coincidentemente na editoria de Internacional, em 1948, a mesma que será analisada neste trabalho.

A *Folha de S. Paulo* também tem origem na capital paulista, em 1921, quando foi criado o jornal *Folha da Noite*. Quatro anos depois o grupo empresarial responsável pela publicação se expandiu e surgiu a *Folha da Manhã*, edição matutina que completava as informações do noticiário noturno. Passaram-se 24 anos e outra publicação semelhante foi lançada, a *Folha da Tarde*. Em 1º de janeiro de 1960, elas foram juntadas para dar lugar à *Folha de S. Paulo*. Nos anos de 1970 foram realizadas reformas gráficas com objetivo de fazer o jornal ficar mais moderno e em acordo com as normas visuais que começavam a modificar os periódicos em todo o mundo. Na década de 1990, o diário conquistou a maior média de venda do Brasil aos domingos, com mais de 500 mil exemplares vendidos nesses dias<sup>18</sup>.

A escolha pelos dois está ligada ao que se pode chamar de modelo ou padrão de qualidade em jornalismo. Antes de iniciar as atividades diárias, a maioria dos jornalistas que trabalham em redações lê as publicações de maior influência na sociedade e de mais credibilidade junto ao público e aos profissionais da área. O valor é atribuído ao corpo de repórteres e às grandes matérias produzidas cotidianamente. Os dois diários analisados estão nessa categoria, em relação ao jornalismo brasileiro, por contarem com repórteres e comentaristas de renome, por captarem uma grande fatia dos recursos e venderem a uma

---

<sup>18</sup> As informações estão no Círculo Folha, encontrado no *site* da empresa: [www.folha.com.br](http://www.folha.com.br). O internauta que for acessar a página pode ir direto ao endereço [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia\\_folha.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm).

quantia considerável de pessoas. Elas são publicações com grande orçamento em comparação com os demais periódicos, a considerar o volume de vendas dos dois jornais analisados. Isso, independente dos valores reais, leva a crer que existem condições delas investirem em infraestrutura de trabalho e desenvolverem uma estrutura corporativa eficiente. Acima de qualquer definição, elas são grandes empresas jornalísticas, e isso as tornam capazes de investir em coberturas jornalísticas fora do país, que é o tema deste trabalho.

Um detalhe é que a cobertura de Internacional passa mais dificuldades, sobretudo em relação aos acontecimentos estrangeiros, no jornalismo brasileiro. Se analisarmos outros jornais, como o *Estado de Minas*, em Minas Gerais, e o *Correio Brasiliense*, no Distrito Federal (ambos pertencentes ao grupo Associados, fundado por Assis Chateaubriand), é possível notar que os recursos também são restritos. A escolha dos periódicos que seriam analisados passou pela determinação dos jornais de nível nacional, pela consciência de que eles tratam os assuntos de forma ampla, destacando a economia e política do país, e não apenas os acontecimentos da região à qual pertencem. Além disso, elas vendem em todo o país, e assim teoricamente têm mais recursos para investir em coberturas jornalísticas fora do país, e essas foram as condições para a escolha dos periódicos que seriam analisados e que representariam o modelo a ser seguido ou rejeitado, mas sempre observado, pelas demais publicações.

Os dois jornais pertencem a São Paulo, característica que faz com que ambos sejam escritos para o mesmo público, ou seja, as pessoas que moram na mesma região, além de atuarem em relação aos mesmos fatos. A pesquisa é feita sobre as edições de uma semana, de segunda a segunda, o que resulta em oito edições de cada publicação, no total de 16 jornais analisados. Os aspectos mais relevantes são a quantidade de informações sobre a América Latina em relação aos assuntos de outras partes do mundo, o tamanho dado a cada uma delas, a presença de recursos visuais e de diagramação para enfatizar o tema - como olho gráfico,

fotografias, tabelas ou a simples escolha da matéria para figurar no topo da página, com a manchete dedicada a ela, o que significa que é a mais importante entre as escolhidas para serem veiculadas<sup>19</sup>.

Além do período de análise específica da editoria, também foram verificadas as capas, para demonstrar o espaço que o jornal dedica aos assuntos internacionais e, entre eles, quais merecem figurar na primeira página e quais vão ganhar apenas um modesto lugar no interior da edição. A hipótese era a de que os dois periódicos dedicavam mais espaço aos assuntos que interessam aos países ricos, como os Estados Unidos e o conglomerado pertencente à União Européia.

A resposta a essa dedicação aos assuntos norte-americanos, europeus e do Oriente Médio, onde as nações mais influentes estão gastando suas forças em conflitos sobre os quais analistas afirmam haver interesses políticos e econômicos que são pouco vantajosas para os demais países. Observando que o espaço dedicado aos assuntos latino-americanos seria muito menor que os interesses dos mais poderosos, haveria a possibilidade de encontrar uma incoerência em grandes jornais nacionais refletirem os pontos de vista das potências e abandonarem os conflitos e temas da região em que o Brasil está imerso.

A análise é feita sobre a semana compreendida entre 16 de maio de 2005 e 23 de maio de 2005, escolhida arbitrariamente para que fosse visada a cobertura cotidiana dos dois jornais. Um período maior não foi recolhido e pesquisado pelo tempo em que o trabalho seria feito, cuja análise empírica duraria entre quatro e seis meses. O risco encontrado era de que um grande assunto recebesse diferente atenção, pela importância jornalística dele, e isso levaria os periódicos a fazer a chamada “cobertura especial”. Uma primeira parcela dos jornais foi receptada em abril de 2005, mas a eleição de um novo papa levou a uma nova data de recolhimento, em meados de maio.

---

<sup>19</sup> Essas características estão relacionadas ao processo de edição que foi destacado no capítulo anterior, sobre a produção do noticiário e os elementos jornalísticos como fonte, disposição gráfica na página e edição.

Uma análise de uma edição de cada jornal a cada semana, por exemplo, não poderia ser feita pois o tempo gasto com o recolhimento do material estava acima do planejado para o desenvolvimento do projeto da pesquisa. Assim, a análise de uma semana, de segunda a segunda, mostra que os jornais trouxeram uma quantidade proporcional de reportagens e notas sobre o continente, mas que as coberturas abrangem uma pequena parte dos acontecimentos do continente.

Algumas incoerências foram encontradas, assim como exemplos a serem seguidos, detalhes que serão vistos a seguir, durante a pesquisa. Outros recursos que apenas prejudicam o noticiário do jornal, e o principal deles é o uso do material de agências de notícias na quase totalidade da cobertura sobre o estrangeiro. Como foi visto por meio dos autores estudados nesta obra, as agências noticiosas apresentam uma visão de mundo específica, assim como qualquer material jornalístico constrói os acontecimentos de acordo com as convicções dos leitores e do corpo de repórteres. As notícias são construções da realidade observada pelo jornalista, que transfere o acontecimento do meio real para o espaço imaginário e abstrato das construções simbólicas.

As principais e mais procuradas agências internacionais estão baseadas nos países mais desenvolvidos e produzem materiais cuja ideologia tem afinidade com os interesses dessas nações. Mesmo que o repórter ou fotógrafo de uma empresa de notícias estrangeira seja nascido no país em que o fato acontece, o material produzido passa pelo crivo de um redator ou editor que segue as ordens da organização responsável pelo empreendimento, o que Cremilda Medina chamou de angulação do tipo nível-grupal, como vimos no capítulo anterior.

Esses são os principais aspectos que serão analisados, a seguir, nas oito edições de cada uma das publicações. As considerações sobre a cobertura de internacional de cada um dos veículos começam a ser traçados, a partir das características dos dois jornais.

#### **4.1 *Folha de S. Paulo***

A semana de 16 a 23 de maio de 2005 trouxe 81 matérias nas páginas da editoria *Folha Mundo*, espaço em que são veiculados os assuntos internacionais. Dessas, 15 reportagens estavam relacionadas à América Latina, 12 delas escritas pela enviada especial à Bolívia Cláudia Trevisan. A jornalista relatou as discussões sobre a Lei dos Hidrocarbonetos, que mudaria a legislação para a exploração e comercialização de petróleo e gás natural no país. Há outra matéria sobre a Bolívia, mas feita a partir da redação em São Paulo, sobre as discussões a respeito de outra regulamentação nacional, a que prevê autonomia aos estados bolivianos. As duas matérias restantes foram sobre a reunião em Cuba promovida por dissidentes do governo do presidente Fidel Castro e as doenças do ex-ditador chileno Augusto Pinochet.

Existem outras matérias relacionadas aos latino-americanos, mas que abordam a interação deles com outros países, incluindo a eleição de um prefeito latino-americano para o governo de Los Angeles, nos Estados Unidos, e a declaração da secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, sobre a revisão do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas, assunto que interessa ao Brasil, um dos beneficiados pela criação de uma vaga no órgão mundial. Elas foram retiradas da contagem final de textos desta análise porque não abordam especificamente o continente latino-americano.

Além das matérias veiculadas, são publicadas notas que informam os acontecimentos, sem maior profundidade, e fotos-legenda que registram os acontecimentos, sem entrar muito nos detalhes sobre eles. O jornal publicou 47 informativos como esse, 14 deles dedicados à América Latina. Na capa, foram seis chamadas sobre o continente em 15 dedicadas à editoria. Delas, cinco foram sobre a Bolívia, onde estava a enviada especial.

Em relação ao conteúdo das reportagens, o jornal tem uma estrutura para apresentar os assuntos de Internacional mais eficiente que *O Estado de S. Paulo*. A equipe da editoria *Folha Mundo* enviou uma repórter para a Bolívia durante os protestos pela aprovação da Lei dos Hidrocarbonetos, que diminui os lucros das empresas petrolíferas estrangeiras no país e devolveu ao governo as decisões sobre a compra e venda de gás e petróleo dentro do território boliviano<sup>20</sup>. A jornalista Cláudia Trevisan escreveu sobre a influência para o Brasil das decisões tomadas no país vizinho.

Ela trouxe matérias sobre as perdas da Petrobras, principal empresa com atividade em solo boliviano, e apresentou as vantagens para outros setores brasileiros que fazem negócios na Bolívia, como empreiteiras e produtores agrários. Entre as reportagens, trouxe uma entrevista com o líder do principal partido de oposição ao presidente Carlos Mesa, Evo Morales, do Movimento ao Socialismo (MAS). Ela abordou a oposição às multinacionais, cuja maior é brasileira, e a visão dos bolivianos sobre o Brasil.

Líder maior dos indígenas plantadores de coca da Bolívia, Evo Morales, 45, acusa multinacionais petroleiras de saquearem recursos naturais bolivianos (...) A Petrobrás é a principal empresa estrangeira na Bolívia. Ainda assim, Morales, que é indígena da etnia Aymara e deputado pelo MAS (Movimento ao Socialismo), diz que não vê o Brasil como um país imperialista. “Na Bolívia, nos sentimos como irmão menor do Brasil. Como dirigente sindical e político, também me sinto como irmão menor do companheiro Lula” (...) “Nesse tema energético, Brasil e Bolívia, pelas reservas que temos de petróleo e gás, deveríamos elaborar uma estratégia energética não somente para Brasil e Bolívia, mas para toda a região” (FOLHA DE S. PAULO, 22 de maio de 2005, p. A19)<sup>21</sup>.

Ou seja, ela apresentou em profundidade os protestos e a motivação dos manifestantes na Bolívia, contextualizou as conseqüências para o Brasil neste cenário. A jornalista ainda apresentou os prejuízos e os benefícios para as empresas e os produtores brasileiros. Ela,

---

<sup>20</sup> A Bolívia sustenta sua economia com a exportação de bens naturais. O gás e o petróleo são os produtos mais representativos, seguidos pela soja. As empresas multinacionais são responsáveis pela exploração de grande parte das riquezas do território. Os brasileiros, grandes parceiros comerciais do governo e do empresariado desse país, representam a maior parcela dessa participação e é responsável por aproximadamente 20% dos ganhos do governo boliviano com impostos e repasses.

<sup>21</sup> Meia página com a entrevista “‘Sinto-me irmão menor de Lula’, diz opositor”.

sobretudo, reafirmou as relações políticas e comerciais dos dois países. A cobertura através de agências informaria o fato através de fontes oficiais, algumas norte-americanas e européias, e poderia deixar de fora a contextualização sobre a situação do Brasil nos fatos. A análise ficaria em matérias produzidas internamente, na redação, com alguns entrevistados brasileiros, como fez *O Estado de S. Paulo*, da forma que será visto neste trabalho. Mas a cobertura feita no local dos acontecimentos se torna mais específica, com maior respaldo pelo jornal e apresenta matérias com a forma nacional de enxergar os fatos.

Ainda sobre a cobertura de Internacional pela *Folha de S. Paulo*, e saindo um pouco da abordagem específica sobre a presença das matérias relacionadas à América Latina, é preciso ressaltar que a publicação costuma enviar repórteres para cobrir fatos em todo o mundo. O último dia de análise, 23 de maio de 2005, mostrou que o jornal disponibilizaria outro enviado especial, desta vez à Paris, na França. Márcio Senne de Moraes, que estava na redação entre 16 e 22 de maio, havia sido enviado à França na semana seguinte para acompanhar as eleições em que os franceses decidiriam sobre a aprovação ou não da constituição apresentada pela União Européia. Ele também acompanharia os outros assuntos relacionados aos europeus durante a permanência no continente.

A estrutura da cobertura da *Folha* também conta com correspondentes internacionais. Em Washington, Fabiano Maisonnave é responsável pelas matérias relacionadas aos assuntos internos do país, mas que trouxe coberturas que relacionavam os Estados Unidos com a América Latina, que não tem grande relevância nesta análise por não se tratar especificamente dos latino-americanos.

O jornal conta com mais um correspondente nos Estados Unidos, o jornalista Pedro Dias Leite, que fica em Nova Iorque. Ele escreveu sobre uma declaração da secretária de Estado norte-americana, Condoleezza Rice, de que é contra a ampliação do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas. O Brasil estava fazendo campanha para a

aprovação do projeto e a oposição da secretária representava a posição do próprio governo dos Estados Unidos. Isso é ressaltado pelo jornalista em sua matéria principalmente quando diz que “o governo norte americano, apesar de elogios à liderança do Brasil na região, não declarou oficialmente apoio à aspiração do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva” (FOLHA DE S. PAULO, 19 de maio de 2005, p. A28). A relação traçada entre os assuntos internacionais e o Brasil ou demais nações da América Latina vale como exemplo da importância que tem em se usar o material dos jornalistas próprios ao invés das informações enviadas pelas agências de notícia.

De qualquer forma, a permanência de um profissional do jornal em outros países pode facilitar a cobertura de assuntos mais relevantes, possibilita que o repórter entreviste pessoas que ele considera importantes, pode relacionar os assuntos ao país e ainda saber primeiro as novidades e os debates públicos que acontecem no local. Outro exemplo disso está na edição do dia 22 de maio de 2005, com a página A20, dedicada aos assuntos decorrentes dos conflitos entre Iraque e Estados Unidos. O correspondente em Washington, Fabiano Maisonnave, escreve uma reportagem sobre uma brasileira representante do exército norte-americano nas missões dos EUA no Oriente Médio. A paulista Fernanda Hord estava instalada em uma base militar no Estado do Texas desde 2001 e se preparava para servir as Forças Armadas do país no Iraque em 2006. O jornal consegue relacionar os temas referentes ao Oriente Médio e publica uma informação importante, feita por brasileiros, sobre a participação do Brasil na guerra.

A maioria das matérias de Internacional da *Folha de S. Paulo* é escrita pela redação, com uso de informações das agências de notícia, sem especificar quais são elas. As referências vêm às vezes no corpo da reportagem, em citações como “segundo a BBC (...) o prefeito foi surrado, diz a rede britânica”, “disse um adolescente à Reuters” e “testemunhas

ouvidas pela agência Russa Interfax”<sup>22</sup>. Outro recurso usado e que pode ser encontrado tanto na *Folha de S. Paulo* quando em *O Estado de S. Paulo* são as reportagens e análises assinadas por jornalistas de outros jornais (*Le Monde*, *The New York Times*, *Independent*) ou simplesmente creditadas às agências noticiosas, como a Associated Press e a Reuters, demonstrando que os textos foram publicados com a versão semelhante à original, sem modificações relevantes. Ainda existem as matérias da redação, sem uso de agências para complementar assuntos tratados na página em reportagens maiores ou para divulgar o resultado de relatórios e pesquisas de órgãos mundiais.

#### **4.2 O Estado de S. Paulo**

As páginas do *Estadão* sobre os assuntos internacionais trouxeram, nos oito dias analisados, 86 matérias e 51 notas ou fotos-legenda. As informações relacionadas ao continente latino-americano foram apresentadas em 16 matérias e apenas oito notas ou foto-legenda. A maioria das reportagens foi escrita a partir das informações fornecidas pelas agências de notícia. Os editores usaram a Associated Press (AP), Reuters, Agence France Presse (AFP), EFE e DPA. As capas trouxeram 13 chamadas sobre os acontecimentos latino-americanos, mas apenas três deles se referiam à América Latina.

Na segunda-feira, 16 de maio de 2005, enquanto a *Folha de S. Paulo* chegava às bancas com informações sobre a Bolívia escritas por uma enviada especial, *O Estado de S. Paulo* não apresentou nenhuma matéria sobre qualquer assunto relacionado à América Latina. Na terça-feira, o tema Lei dos Hidrocarbonetos no congresso boliviano ganhou duas matérias, uma feita a partir das informações das agências internacionais de notícias e contando sobre a movimentação no país, e outra escrita da redação e com fontes brasileiras para mostrar o

---

<sup>22</sup> “Mortos no Uzbequistão podem chegar a 600”, na página A10 da edição de 16 de maio de 2005, sobre possível massacre de civis pelas tropas das forças armadas oficiais do país.

impacto da nova legislação para as empresas brasileiras. Apenas na quarta o assunto virou uma chamada na capa.

Na semana analisada, foram no total cinco matérias sobre os bolivianos, sendo uma delas sobre a lei separatista que prevê a autonomia para os estados do país. Entre as demais reportagens existem duas sobre as doenças de Augusto Pinochet. Uma outra mostra o ex-presidente peruano Alberto Fujimori, que mesmo exilado no Japão renovara a carteira de identidade. Há ainda uma reportagem sobre a tempestade que matou 65 soldados nos Andes, três matérias a respeito da reunião de dissidentes cubanos e outras três, estas feitas pelo correspondente em Buenos Aires, sobre o presidente argentino Néstor Kirchner.

Em termos gerais, pela observação das edições, o investimento de *O Estado de S. Paulo* para a editoria de Internacional fora a compra do material das agências é voltado para a contratação de correspondentes, conforme pode ser visto durante a análise feita nesta pesquisa. Outro recurso encontrado em larga escala é o material escrito em outros jornais, às vezes com a assinatura do repórter responsável pelo trabalho. Assim, a editoria se torna uma grade receptora de informações colhidas junto a grandes empresas e, em muitas das vezes, apenas traduzidas e publicadas nas páginas do jornal. Os textos próprios foram escritos pelos correspondentes ou jornalistas da redação, geralmente respaldando assuntos apresentados na matéria principal e que podem render um detalhamento específico na edição.

O periódico trouxe textos de três correspondentes internacionais no período de análise da publicação. Um deles, Paulo Sotero, de Washington, foi o responsável por seis textos, tratando dos mais diversos assuntos relacionados aos Estados Unidos. Outro dos correspondentes internacionais de *O Estado de S. Paulo* é Reali Júnior, de Paris, na França. Ainda escreveu para O Estado o correspondente Ariel Palácios. Ele preparou um especial sobre a ascensão política regional do presidente da Argentina.

A equipe de *O Estado* encontrou uma maneira de apresentar as conseqüências para os brasileiros em casos internacionais. Uma delas pode ser vista na cobertura sobre os protestos na Bolívia, para aprovação da Lei dos Hidrocarbonetos, que devolveria ao Governo Federal boliviano os direitos de comercialização do gás e do petróleo produzido no país e sobretaxaria as empresas exploradoras do recurso. Uma reportagem da AFP e da AP foi publicada, com um matéria menor logo abaixo, assinada pela jornalista da sucursal Rio de Janeiro, Nicola Pamplona<sup>23</sup>. Ela ouviu fontes da Petrobras e do governo brasileiro, para mostrar que o esquema afetaria as empresas nacionais. Na edição do dia seguinte, outra reportagem foi apresentada, desta vez com as informações da AP, AFP e EFE. Da mesma forma, uma matéria relacionando os acontecimentos com o Brasil foi publicada por uma jornalista da sucursal, dessa vez escrita por Kelly Lima.

---

<sup>23</sup> Jornal de 17 de maio de 2005.

## CONCLUSÃO

As guerras armadas dificilmente chegam aos países latino-americanos. Mas há, no continente, riquezas a serem conhecidas e problemas que precisam ser debatidos. Os conflitos armados estão presentes nas cidades do continente, nos grandes e pequenos centros urbanos, à guisa de uma guerra civil não declarada. Mas as fragilidades econômicas, políticas e sociais de uma nação pertencente à América Latina são pouco exploradas nos periódicos por seus vizinhos. Esses assuntos são relevantes e podem ganhar as páginas dos jornais, se primeiro forem apresentados a equipes interessadas e profissionais criativos e de ampla bagagem cultural. Os problemas são complexos como o são as históricas questões européias.

Poucos países da América Latina foram abordados pelas edições durante o tempo analisado. A cobertura com reportagens na *Folha de S. Paulo* se restringiu a três estados nacionais. Em *O Estado de S. Paulo* foram mais países abordados, mas com passagens rápidas e sem aprofundamento quanto aos temas apresentados. As relações entre o Brasil e os países pertencentes ao mesmo continente quase nunca são faladas.

A Bolívia ganhou destaque na *Folha* pelo fato de a publicação ter enviado uma jornalista ao país para cobrir os acontecimentos durante os conflitos quanto à aprovação de uma lei que regulamentava a exploração e comercialização do gás e do petróleo, o que causou manifestações e protestos. O caderno *Folha Mundo* deu grande margem às perdas das empresas brasileiras com a nova legislação boliviana, mas também apresentou os benefícios para os brasileiros que investiram no país. Uma ressalva é que grande parte do noticiário estava relacionado com a presença da organização brasileira Petrobrás, que explora petróleo em território boliviano e tem grande participação na arrecadação de impostos pelo governo do país. A ponto de em uma única edição os editores colocarem duas vezes o nome da empresa nas chamadas da capa, o que é inclusive evitado em jornalismo.

Fora essas informações sobre a Bolívia, em oito dias foram apenas mais três inserções latino-americanas no espaço da *Folha Mundo*. O jornal, como foi visto no quarto capítulo deste trabalho, parece ter uma melhor estrutura para reunir as informações sobre os assuntos internacionais, já que tem mais análises e consegue relacionar os assuntos com os temas brasileiros (o que prevê mais tempo e pessoas na cobertura da editoria) e a publicação tem um maior número de enviados especiais, o que significa que a equipe não se prende ao uso de material das agências de notícias em suas edições. Os temas são constantemente relacionados com o Brasil, e as informações são apuradas também pelos enviados e correspondentes antes de serem publicadas. As informações sobre a América Latina, no entanto, ganham um espaço muito pequeno no periódico e, mais importante, o jornal não consegue representar os principais acontecimentos do continente, e apenas alguns fatos são relatados. Mais do que narrar a história cotidiana do mundo, para manter uma cobertura exata, são pontuados temas que não têm acompanhamento diário e nem são aprofundados ou debatidos. Isso prejudica o entendimento do leitor que procura compreender os assuntos internacionais, já que ele não tem nos jornais diários um parâmetro constante para se informar sobre o mundo.

Uma medida que seria eficiente para a cobertura da editoria seria a divisão das notícias em subeditorias regionais. Com isso, as redações ficam menos amercê do material que chega das agências, criam condições para acompanhar os acontecimentos de todas as partes do planeta e oferecem ao leitor os desdobramentos dos fatos.

O jornal *O Estado de S. Paulo* aparece com grande parte das matérias escritas a partir das informações das agências noticiosas. Assim, os temas como os conflitos entre Estados Unidos e Oriente Médio ganham destaque, mesmo que tragam pouca novidade em relação ao que acontece diariamente – “mais uma bomba explodiu”, “mais gente morreu” ou “ainda não há acordo entre os dois países” são os grandes destaques de cada edição, dia após dia. Para mostrar como a cobertura dos assuntos sobre os países menos desenvolvidos sai perdendo nos

jornais diários brasileiros, é importante lembrar que nenhum dos dois periódicos trouxe matérias sobre os acontecimentos da África, como se nada ocorresse nessa parte do planeta.

Um fator que contribui para a interpretação dos acontecimentos de Internacional é o envio de repórteres a outros países e as reportagens feitas pelos correspondentes, com entrevistas feitas por eles. O uso exclusivo do material das agências faz a publicação perder as conexões que podem ser feitas entre os acontecimentos e o próprio país, além de privilegiar as fontes oficiais dos países mais influentes política e economicamente. A secretária de Estado dos Estados Unidos, Condoleezza Rice, foi uma das mais citadas no período abordado. Mas, de qualquer forma, os dois grandes jornais apresentados foram incapazes de mostrar o continente aos brasileiros, de mostrarem a cultura e as relações comerciais, de citarem nem mesmo os líderes e locais para que os habitantes do Brasil tenha mais conhecimento dos povos mais próximos em sua história e cultura. A construção da América Latina para os leitores aos pedaços, e dessa forma é reconhecida por eles.

## REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX JR., José. *Showrnlismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2002.

BELTRÁN, Luis Ramiro e CARDONA, Elizabeth Fox de. *Comunicação dominada: os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BIAL, Pedro. *Crônicas de repórter: o correspondente internacional conta tudo o que não se diz "no ar"*.

BRAGA, Maria Lúcia Santaella. *Comunicação e pesquisa*. São Paulo: Hacker, 2001.

BUCCI, Eugênio. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.

CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

COLOMBO, Fúrio. *Conhecer o jornalismo hoje: como se faz a informação*. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 1991.

GALTUNG, Johan e RUGE, Mari Holmboe. *A estrutura do noticiário estrangeiro: a apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros*. apud TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993. p. 61.

GRUPO FOLHA. *Manual de redação da Folha de S. Paulo*. São Paulo: PubliFolha, 2001.

GUARESCH, Pedrinho A. *Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

HENNING, Hermano. *Via satélite: histórias de um correspondente internacional*. São Paulo: Globo, 1996.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985.

LAGE, Nilson. *Linguagem Jornalística*. São Paulo: Ática, 1993.

MATTELART, Armand. *A teia das multinacionais: os aparelhos ideológicos do imperialismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

MATTELART, Armand. *Comunicação-mundo: histórias das idéias e das estratégias*. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

- MARTINS, Eduardo. *Manual de redação e estilo: o Estado de S. Paulo*. São Paulo: Moderna, 1997.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus Editorial, 1988.
- MELO, José Marques de. *Comunicação na América Latina : desenvolvimento e crise*. Campinas: Papirus, 1989.
- MORAES, Fernando. *Chato, o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.
- OLIVEIRA, Ana Maria Rodrigues de. *Imprensa e globalização: tendências atuais do noticiário internacional no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Puc Minas, 1998.
- PIERNES, Guillermo. *Comunicação e desintegração na América Latina*. Brasília: UnB, 1990.
- RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *O acontecimento*. apud TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993. p. 61.
- ROSSI, Clóvis. *Enviado especial: 25 anos ao redor do mundo*. São Paulo: SENAC, 1999.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1999.
- WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1999.